



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PROP GEO**

**STANLEY BRAZ DE OLIVEIRA**

**A HIERÓPOLIS DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES-PI:  
produção de um lugar através do sagrado (1992 - 2008)**

**FORTALEZA - CEARÁ  
2011**

STANLEY BRAZ DE OLIVEIRA

A HIERÓPOLIS DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES-PI:  
produção de um lugar através do sagrado (1992 – 2008)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território Sociedade e Cultura.

Orientador: Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior.

O48h

Oliveira, Stanley Braz

A hierópolis de Santa Cruz dos Milagres- PI: produção de um lugar através do sagrado (1992-2008) / Stanley Braz de Oliveira. – Fortaleza, 2011.

112 f. ; il. : 30cm.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração: Território, Sociedade e Cultura.

1. Santa Cruz dos Milagres – Piauí (1992-2008). 2. Espaço. 3. Religiosidade popular. 4. Sagrado. 5. Profano. I. Título.

CDD: 304.2

STANLEY BRAZ DE OLIVEIRA

A HIERÓPOLIS DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES-PI:  
produção de um lugar através do sagrado (1992 – 2008)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território Sociedade e Cultura.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

---

Profa. Dra. Samara Mendes Araújo Silva  
Universidade Estadual do Piauí – UEPI

---

Prof. Dr. Luiz Távora Furtado Ribeiro  
Universidade Federal do Ceará – UFC

À minha Mãe, que me proporcionou a vida e sempre esteve presente em todos os meus momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, à minha mãe, fundamental para a minha existência, ao meu orientador, Pro. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, que sempre esteve disponível para ajudar-me a dar continuidade a este trabalho, aos meus amigos e amigas: Marta Rochelly, Francilma Freitas, Márcio Iglesias, Samara Mendes, Mariana Góes, Rodrigo Aragão, Marília Danielly, Carla Andrea, Anézia Fonseca, Rita Gondinho, Jane Maria, à professora Rosa e suas correções de ABNT e normas gramaticais, ao Professor Carlos Franca pelas oportunidades, e a todos pelo apoio que sempre me deram para iniciar e concluir essa etapa da minha vida, A Julia secretária do Programa de Pós Graduação em Geografia da UECE, que sempre esteve disposta a ajudar. Ao apoio da Universidade Estadual do Piauí através dos professores e funcionários: Carlos Alberto, Raimundo da Paz Sobrinho, Lúcia Leal, Zoraia Pimentel, que me apoiaram e torceram pelo meu sucesso.

Agradeço a todos citados e não citados, pois foram vitais para o início e desenvolvimento e término desta etapa importante de minha vida acadêmica.

## RESUMO

A religiosidade católica está presente no cotidiano dos brasileiros desde o início do processo colonizador europeu, imposta a índios, negros e brancos, cristalizando os dogmas da igreja católica e contribuindo para produzir junto com estado a organização espacial brasileira. No contexto piauiense, ela não fez diferente: andou lado a lado com o poder público na produção e organização espacial das cidades, criando formas simbólicas e introduzindo no âmbito social um modelo de vida, criado a partir do catolicismo popular. O santuário de Santa Cruz dos Milagres, hoje um dos maiores do Piauí, expõe a religiosidade católica do estado, surge através de um mito e produz toda uma cidade no meio do sertão, mobilizado pela fé, levando milhares de fiéis ao santuário em busca de um elo com a salvação, propondo o sagrado mistura-se ao profano e, juntos, produzem a cidade voltada para atender as necessidades daqueles que lá habitam ou circulam nos meses de festa, produzindo e reproduzindo o espaço urbano apropriado pela cultura da religiosidade católica piauiense. Essa análise se deu através dos pressupostos teóricos da geografia cultural, numa perspectiva de analisar a produção deste espaço através de uma prática cultural, que foi amparada pelas pesquisas in loco através da fala dos sujeitos que são fundamentais para entender a produção desta cidade.

**Palavras-chave:** Santa Cruz dos Milagres. Espaço. Religiosidade popular. Sagrado. Profano.

## ABSTRACT

The Catholic religion is present in the daily life of Brazilians since the beginning of the colonization process, imposed on Indians, blacks and whites, thus crystallizing the dogmas of the Catholic church and contributing to produce with the state space organization in Brazil. In the context of Piauí, she did different: gone hand in hand with the government in the production and spatial organization of cities, creating symbolic forms and entering in the social life of a model, created from dogmatic precepts of the church. The sanctuary of Santa Cruz dos Milagres, today one of the largest in Piauí, exposes the Catholic religion of the state, arises through a myth and produces an entire city in the remote countryside, through faith, prompting thousands of faithful to the holy shrine in search a link with salvation, proposing to blend the sacred and the profane, together, produce the city dedicated to meet the needs of those living there or moving party in the month, producing and reproducing the urban space appropriate for the culture of Catholic religiosity Piauí.

**Keywords:** Santa Cruz dos Milagres. Space. Sacred. Profane. Religiosity.

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1 Piauí: primeiras cidades e primeiras vilas .....	29
MAPA 2 Dioceses e arquidioceses do Piauí .....	36
MAPA 3 Microrregiões do Piauí .....	38
MAPA 4 Localização do município de Santa Cruz dos Milagres .....	41
MAPA 5 Fluxos de pessoas entre Santa Cruz dos Milagres e cidades do Piauí .....	76
MAPA 6 Fluxo de pessoas entre Santa Cruz dos Milagres e os estados do Brasil .....	78

## LISTA DE GRÁFICOS/ESQUEMAS

GRÁFICO 1 Produção espacial da província do Phiauy .....	30
GRÁFICO 2 Organização espacial urbana da província do Phiauy .....	32
GRÁFICO 3 Espacialização do sagrado e do profano em Santa Cruz dos Milagres-PI.....	49
GRÁFICO 4 “Com quem você aprendeu a adorar a Santa Cruz?” .....	72
GRÁFICO 5 Frequência em bares, restaurantes ou clubes ao sair da igreja .....	87
GRÁFICO 6 Espacialização do sagrado e do profano em Santa Cruz dos Milagres-PI.....	89
GRÁFICO 7 Roteiro devocional .....	92
GRÁFICO 8 Lugares sagrados mais frequentados em Santa Cruz dos Milagres .....	93
GRÁFICO 9 A representação da Igreja para os fiéis .....	94
GRÁFICO 10 O que a imagem do Cruzeiro representa para o romeiro .....	97

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 Primeiras vilas e cidades com seus respectivos padroeiros – 1762.....	34
QUADRO 2 Aumento das cidades e paróquias piauienses .....	35
TABELA 1 Frequência dos romeiros à cidade de Santa Cruz dos Milagres .....	73
TABELA 2 Tipo de milagre atendido .....	79

## LISTA DE IMAGENS

FOTO 1 Igreja Matriz de Santa Cruz dos Milagres .....	44
FOTO 2 Acomodações dos romeiros .....	44
FOTO 3 Olho d'água milagroso – Santa Cruz dos Milagres-PI .....	47
FOTO 4 Restaurante na subida da escadaria da igreja de Santa cruz dos Milagres .....	54
FOTO 5 Primeiro missário após a emancipação da cidade .....	60
FOTO 6 Missa celebrada pelo arcebispo Dom Sérgio da Rocha em Santa Cruz dos Milagres .....	62
FOTO 7 Alojamento em barracas improvisadas no alto da Igreja .....	63
FOTO 8 Multidão dirigido-se à Igreja Matriz no domingo do encontro dos Santos .....	66
FOTO 09 Romeiros alojados em barracas improvisadas .....	67
FOTO 10 Fazenda da Santa Cruz em período normal .....	68
FOTO 11 Fazenda da Santa Cruz no Encontro dos Santos .....	68
FOTO 12 Missa às 6 h da manhã no adro da Igreja Matriz .....	70
FOTO 13 Ônibus estacionados na subida da igreja.....	75
FOTO 14 Acesso à igreja sem pavimentação.....	80
FOTO 15 Acesso à igreja com pavimentação .....	81
FOTO 16 Pavimentação asfáltica da PI- 224 de acesso à cidade de Santa Cruz .....	82
FOTO 17 Construção do novo santuário.....	83
FOTO 18 Placa informativa da construção do estacionamento ao lado do futuro templo .....	84
FOTO 19 Construção de uma praça pública .....	85
FOTO 20 Estabelecimento de dona Toinha nas margens do Rio São Nicolau.....	86
FOTO 21 Placa informativa da construção da orla do rio São Nicolau .....	88
FOTO 22 Cruzeiro.....	95
FOTO 25 Sala dos milagres .....	95
FOTO 26 Sala dos ex-votos .....	96
FOTO 27 Sala dos ex-votos .....	96

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>A PRODUÇÃO DO LUGAR .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>A produção do lugar pelo sagrado .....</b>	<b>23</b>
2.2.1	Manutenção dos lugares sagrados – simbologia .....	24
<b>2.2</b>	<b>A contribuição do sagrado para a produção dos lugares piauienses.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3</b>	<b>Urbanização piauiense e religiosidade .....</b>	<b>34</b>
<b>3</b>	<b>SANTA CRUZ DOS MILAGRES – A CIDADE DA FÉ .....</b>	<b>39</b>
<b>3.1</b>	<b>A produção da hierópolis de Santa Cruz dos Milagres .....</b>	<b>41</b>
<b>3.2</b>	<b>Práticas culturais relacionadas ao Sagrado em Santa Cruz dos Milagres.....</b>	<b>48</b>
3.2.1	A manifestação do sagrado através das festas religiosas em de Santa Cruz dos Milagres.....	55
3.2.2	A Invenção da Cruz .....	57
3.2.3	Exaltação da Santa Cruz .....	59
3.3.4	Encontro dos Santos .....	63
<b>3.3</b>	<b>O sagrado na produção da hierópolis de Santa Cruz dos Milagres.....</b>	<b>70</b>
3.3.1	O perfil dos romeiros e fiéis de Santa cruz dos Milagres .....	71
3.3.2	A produção de infraestruturas urbanas na hierópolis de Santa Cruz dos Milagres.....	80
<b>3.4</b>	<b>A cartografia do sagrado na hierópolis de Santa Cruz dos Milagres .....</b>	<b>89</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>103</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>108</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Santa Cruz dos Milagres, cidade localizada no semiárido do Estado do Piauí, cenário deste estudo, fundamenta-se no pensamento da geografia da religião, que surge a partir da investigação sobre a cultura e a sua influência no espaço. Nesse aspecto, está interligada à escolha da linha de pesquisa Sociedade, Espaço e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UECE, que se vincula a essa pesquisa esta pesquisa.

Assim, discorrer sobre o sagrado que atrai multidões movidas pela fé, construindo espaços que se organizam em lugares sagrados. Nesse sentido, a participação do sagrado na produção urbana é de grande relevância para o surgimento de lugares sagrados, pois os templos atraem pessoas através da fé para a prática de rituais que até hoje se repetem e contribuem para o surgimento das chamadas “cidades da fé”, evidenciando a participação da religiosidade popular na produção e evolução desses espaços. O que nos leva a afirmar o seguinte: a união dos agrupamentos sociais à religiosidade conduziu o surgimento das cidades, tornando o sagrado componente imprescindível para uma organização social. Nesse caso, o *locus* sagrado não desapareceu com a evolução da sociedade, visto que as cidades continuaram relacionadas a ele, apenas unindo-se às outras funções urbanas que surgiam.

O sagrado, através de suas simbologias, trouxe consigo uma ligação direta com o poder, qual seja, inter-relacionado a fé à política, para comandar uma sociedade, formando um contexto sacro civil, que se liga a valores que simbolizam a fé e o poder de quem a está comandando. Logo, as festas religiosas contribuem para sacralizar os espaços cheios de significados, os quais são transformados em lugares cósmicos repletos de representações vividas pelos seus atores sociais. Essa produção é movida pela religiosidade, visto que ela é um sistema cultural carregado de significados no qual as ações humanas agregam-se aos e constroem um universo de idealizações concretizadas no espaço pelos vários significados que ali são criados. Cria-se, pois, um mundo repleto de valores, crenças e respostas para aqueles que necessitam da fé para sobreviver.

Os lugares apropriados pelo sagrado são construídos pelos seus atores sociais através da associação entre o imaginário e suas ações, rompendo as fronteiras concretas, substituindo-as, de maneira crédula, por uma linha imaginária, dando origem ao lugar sacro, reflexo das experiências e representações de seus viventes, as quais se entrelaçam no tempo e no espaço, reproduzindo a cultura religiosa através das ações coletiva.

A partir daí, esses atores sociais são movidos pelo imaginário, representados pelos símbolos, que são criados para arraigar os espaços da fé e das manifestações de quem os criou, gerando um processo que requer tempo, coletividade e um mentor para direcionar seus seguidores, como os que ocorrem nos espaços sagrados católicos, onde o povo constrói a igreja para posteriormente nela materializa como representante da fé e produzir tudo ao seu redor.

A dimensão do lugar, pelo simbolismo que representa, é apropriado e produzido pelas manifestações sociais e religiosas, produz o sagrado no espaço imaginário e o desejado no espaço visto como comum, profano, revelando, pois, a impossibilidade de separação entre o sagrado e o profano nas análises espaciais das “cidades da fé”. Uma vez que o sagrado é produzido e construído em um tempo irreversível, podendo ser entendido como ontológico, que se produziu há anos atrás e permanecerá vivo nos próximos anos. E o profano, que se compreende como um espaço de transição entre os templos e os devotos, no qual eles transitam e até mesmo participam sem sentir-se incrédulos, visto que, para o homem religioso, o sagrado foi cristalizado no tempo, tornando-se infinito, e o espaço profano possui uma linearidade com início, meio e fim, como a vida, um liga-se ao outro de forma natural.

O sagrado e o profano são elementos de fundamental importância para a produção de um espaço religioso, porquanto o primeiro pode ser entendido como as simbologias que representam a divindade e a salvação do crente, as quais se distinguem por uma cultura religiosa, que constrói uma nova forma, ao passo que reorganiza as antigas, caracterizando-as como *locus* sacramentado pela sua importância cultural, política e econômica, que representou ou representa, isto é, a memória do espaço que se cristaliza através da produção do lugar e o eterniza na mente de seus atores sociais. Esses só percebem o sagrado por ele se mostrar absolutamente diferente do profano.

O embasamento teórico sobre o espaço sagrado fundamentado na geografia cultural e na história da religião contribuirá com a nossa pesquisa e o seu objeto de estudo – a cidade de Santa Cruz dos Milagres, construída através da religiosidade popular e transformada em lugar sagrado, por representar o elo entre o fiel e a salvação, ou o lugar de cura dos problemas que atormentam os fiéis. Esse fato caracteriza-a como lugar de fé.

### **Caracterização do objeto de estudo**

A religiosidade no contexto piauiense tem significativa importância para sua produção espacial, pois contribuiu para produzir e reproduzir estruturas urbanas e sociais, como

também para disseminar a fé católica pelo Estado, resultando na hegemonia desta religião. A partir daí, é possível compreender como se efetivou a produção e a organização espacial do Piauí, visto que as práticas culturais se apropriam dos espaços e se reproduzem nele.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres, vista pelos fiéis como “cidade da fé”, foi construída através da relação entre a sociedade e o sagrado, ou seja, a sociedade incorpora o mundo vivido com o idealizado, criando as simbologias e lugares que unem os povos, os quais produzem rituais coletivos como os que acontecem nesta cidade, onde milhares de devotos, cada um com sua identidade e complexidade, identificam-se e se fortalecem na fé, contribuindo para a produção espacial do sagrado, e assim construindo novas formas geográficas dotadas de simbologias religiosas: a igreja, o poço dos milagres, o cruzeiro, o olho d’água milagroso; e profanas: prostíbulos, clubes de festas, parques de diversão, bares e restaurantes. Tudo e todos estão ligados direta ou indiretamente às manifestações religiosas que ocorrem na referida cidade, tornando Santa Cruz dos Milagres o elo entre o devoto e seu Deus.

A cultura do sagrado produziu espaços desde as primeiras civilizações. Através da fé foram construídos templos que resultaram em novos espaços, modificando a paisagem e ao mesmo tempo atribuindo padrão aos espaços religiosos, que só se diferenciaram pelas suas singularidades, estabelecendo relações complexas entre a cultura e o urbano, que se manifestam de diferentes modos, revelando que na maioria dos espaços sagrados não há uma escolha direta do lugar, pois eles surgem aleatoriamente. As cidades produzidas para a fé trazem na sua essência o cósmico espiritual que, associado aos seus produtores, cristalizam esses espaços como sagrados, e assim produzem uma nova paisagem através da transformação, da sacralização do lugar.

Nos espaços sagrados, é produzida toda uma autenticidade. A cada ciclo dos acontecimentos, o espaço é remodelado para atender a demanda em busca da salvação, recriando espaços e costumes, perpetuando assim a cultura mística da religiosidade popular, ou seja, um templo, através de um ícone, irá centralizar as funções e as atenções e, tudo o que estiver ao seu redor, ligado a ele, torna-se algo sagrado. Por outro lado, o que não estiver vinculado diretamente a ele será considerado comum, ou seja, profano.

Nesse contexto, são criados arranjos espaciais paralelos, que contribuirão para formar as diversas paisagens do espaço sagrado, visto que são cheias de significados produzidos por seus viventes, peregrinos e romeiros. Esses, ao chegarem às “cidades da fé”, tornam-se semelhantes e atuam na produção do espaço, transformando uma cidade pacata em

um lugar movimentado com grande fluxo econômico e social, por um determinado tempo e, desse modo, tornando esse processo algo vital para a territorialização e desterritorialização dos espaços sagrados.

Como a fé move as pessoas para as cidades religiosas, faz com que elas, ao chegarem lá, se igualem em independente de suas origens e condições socioeconômicas, transformam-nas em devotos, produzindo uma idealização que se concretiza no seu mundo imaginário e se expressa através de ações como o sacrifício, os rituais, as peregrinações dentre outras. Essas pessoas são movidas pela ideia de subordinação ao domínio religioso, levando os devotos a terem visões distantes das pessoas comuns, e assim constroem valores que transformam as cidades da fé em palcos para a fé, contribuindo para a sua produção e organização espacial, produzindo lugares cheios de familiaridades através do movimento entre o cotidiano e a história.

A relação entre religiosidade e espaço se desdobra em uma multiplicidade de significados e manifestações que envolvem dimensões ligadas ao sagrado. Em relação à economia, por exemplo, bens são produzidos e comercializados, os quais, revestidos de práticas culturais, representam uma determinada ação religiosa, desencadeando a necessidade de se perceber como tais valores são produzidos, quem são os seus agentes produtores e onde ocorre a produção desses bens.

Não há como negar, a fé é vivenciada individualmente, todavia, somente após a adoração coletiva adquire autonomia, organizada pela Igreja (Católica), criando a ideologia de que uma mensagem sistemática seja capaz de dar sentido unitário à vida, propondo a seus destinatários privilegiados uma visão coerente do mundo e da existência humana (BOURDIEU, 2004b). Assim, a vida religiosa ocorre dentro de um lugar religioso, demonstrando as estratégias espaciais existentes na religião, que só será mantida se a territorialidade for preservada.

Nesses termos, a “cidade da fé” produzirá uma organização espacial agregada aos valores sagrados. Assim Santa Cruz dos Milagres foi construída, no cosmo de seus viventes, com o objetivo de cristalizar o seu mundo imaginário, ou seja, transformou o que era apenas uma capela de palha em uma cidade, arraigada pelas manifestações do sagrado, centralizada através do templo, cuja construção se dá no mundo comum, profano, dividindo com ele a participação na produção espacial. Tal templo foi transformado no maior santuário religioso do Piauí, em virtude das manifestações de fé ocorridas, como a Invenção da Santa Cruz, que

acontece no mês de maio, reunindo centenas de fiéis em um ritual, no qual é feita uma preparação no dia que o antecede, com a oração de 100 (cem) Ave-Marias, sendo considerados aptos à prática deste ritual aqueles que o fizeram na noite anterior, ajoelhando-se a cada uma, concluindo assim o ritual.

A Exaltação da Santa Cruz realiza-se no mês de setembro, com a realização de missas, quermesses e representações de fé. No entanto, a maior das manifestações da religiosidade popular da cidade de Santa Cruz é o Encontro dos Santos, que reúne santos de todas as paróquias de estados e cidades próximas, aglomerando mais de 50 mil pessoas numa expressão de fé e cultura religiosa, colaborando para caracterizar esta cidade como “cidade da fé”. Desse modo, fecham-se os ciclos das suas manifestações religiosas ligadas ao sagrado, que foram vitais para o seu surgimento como também para sua manutenção e evolução.

Vale lembrar que toda a produção espacial através do sagrado, na cidade de Santa Cruz dos Milagres, está relacionada à própria organização espacial do Piauí, que criou uma relação entre religiosidade e poder, significante para produzir e organizar o respectivo Estado.

## **Objetivos**

### Geral

Analisar a produção do lugar de Santa Cruz dos Milagres a partir das manifestações do sagrado.

### Específicos

- Analisar, a partir do ponto de vista dos romeiros, os espaços sagrados e profanos em Santa Cruz dos Milagres;
- Descrever o roteiro devocional dos romeiros;
- Traçar o perfil dos devotos que transformaram Santa Cruz dos Milagres em cidade da fé;
- Apontar as transformações ocorridas na cidade de Santa Cruz dos Milagres através do sagrado.

## **Materiais e métodos**

### **Materiais**

Os materiais a serem empregados nesta pesquisa foram coletados em fontes bibliográficas, sites, jornais, revistas, mapas da produção espacial do Estado, da organização espacial da igreja e do roteiro devocional na cidade de Santa Cruz dos Milagres e também entrevistas. Foram utilizados ainda acervos pessoais e fotografias dos sujeitos produzidas durante a pesquisa.

### **Métodos**

A fenomenologia será o método científico. Através dele podemos analisar a questão da religiosidade como maior proximidade, pois ver o cotidiano do sujeito em sua totalidade, observando suas ações nesse contexto, libertando-se de conceitos predefinidos, focando no fenômeno a ser estudado em sua essência, para tornar explícita a estrutura e o significado do sujeito pesquisado. Traz como primordial o estudo das coisas, como elas são e não o que é dito sobre elas. A partir desse pressuposto, se torna mais próximo do real a descrição do fenômeno, proporcionando o isolamento do sujeito em seu contexto para uma observação do fenômeno tal como ele é, oportunizando ao pesquisador fazer uma descrição com o máximo de fidelidade.

A análise fenomenológica, numa visão transcendental, preocupa-se em entender o cotidiano do sujeito, entender estes nexos entre verdadeiro ser e conhecer e, desse modo, investigar em geral as correlações entre ato, significação e objeto, é a tarefa da fenomenologia transcendental (ou da filosofia transcendental) (HUSSERL, 1990, p. 13-14), com ela podemos buscar a opinião dos sujeitos sobre o que está sendo pesquisado, pois, através de suas falas, é possível compreender a sua concepção sobre o fenômeno no qual está envolvido, observar sua relação na produção de seu contexto, sua relação com o meio, ou seja, a sua forma vivida na cotidianidade, que prende a cada dia seus viventes a partir de seu interior para poder analisar o comportamento social relacionado aos motivos de estar ali.

A escolha deste método foi importante para se poder entender a ação do sagrado e do profano na produção do lugar sagrado de Santa Cruz. Nesse sentido, proporcionou uma

interpretação desses elementos como processo social, levando a um entendimento de como esta ação produziu o espaço urbano da cidade.

A percepção da fenomenologia será associado à etnografia, porquanto permite um exame minucioso da vivência das pessoas, extraindo conclusões importantes acerca das relações sociais e organizacionais, possibilitando ver a cultura tal como ela é, uma vez que permite a observação participante e interpretativa, compreendendo o estudo pela relação direta durante um determinado período para entender a cotidianidade, visualizando os padrões do mais previsível ao menos previsível presentes no comportamento humano, explicitados na sua rotina, com o objetivo de viver o contexto analisado e encontrar o significado da ação praticada pelos atores sociais em análise.

### **Procedimento metodológico**

O procedimento utilizado foi pesquisa bibliográfica, que permitiu reconhecer o processo de formação territorial piauiense ligado à religiosidade, e, partindo desse pressuposto, entender como se formou a relação intrínseca entre produção espacial e religiosidade no solo piauiense. Para posteriormente relacionar a organização administrativa do estado com a da igreja, a partir de análise de mapas e imagens, possibilitando visualizar melhor a produção espacial do Piauí.

Essa análise ofereceu condições de um olhar diferenciado sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, situado na cidade homônima, localizada no sertão piauiense, que surgiu ligado à cultura da religiosidade e se apropriou do espaço, produzindo nele toda uma historicidade sagrada e, por conseguinte, profana.

O tipo de pesquisa desenvolvido foi o qualitativo, porque, de acordo com Flick (2004), as pesquisas qualitativas desenvolvidas nas ciências humanas e sociais e áreas afins contribuem para um estudo mais aprofundado sobre os seres humanos, também visam analisar comportamentos, atitudes, desejos, sentimentos, crenças valores, costumes, ou seja, propõe uma análise do ser humano na sua complexidade. Contudo esta abordagem qualitativa também foi expressa em dados quantitativos através de gráficos e tabelas para uma melhor visualização e entendimento das falas dos sujeitos.

A pesquisa de campo proporcionou um conjunto de informações através de dados fornecidos pelas entrevistas, que permitiram uma visão profunda do fenômeno da

religiosidade, de que forma ele influenciou na produção do espaço da cidade. Os principais entrevistados foram as pessoas ligadas à religiosidade popular da cidade, com uma amostra de 1 (um) padre, 2 (dois) moradores mais antigos, e 100 (cem) romeiros e devotos, como também 1 (um) sujeito ligado ao entretenimento, já que se torna inevitável o olhar para a participação que o profano impõe na produção dos espaços sagrados.

A pesquisa se preocupou com os procedimentos éticos recomendados pelo Conselho Nacional de Saúde através das resoluções 196/96 e 251/97, que direcionam as pesquisas envolvendo seres humanos, bem como sobre a participação dos sujeitos através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que esclarece os detalhes dessa participação. A análise dos dados foi realizada através da observação do pesquisador e da fala dos sujeitos, de forma que, juntos, proporcionaram uma análise mais completa sobre o espaço pesquisado.

A avaliação do discurso foi baseada na técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo, definida por Lefevre e Lefevre (2003), e realizada após a execução das entrevistas através dos dados fornecidos pelos entrevistados. Esta etapa foi considerada de grande importância, tendo em vista que fornece uma organização de informações verbais, facilitando a organização dos dados, pois não visa separar os discursos coletivos dos individuais e sim uni-los em um único discurso, numa soma de pensamentos (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003).

Esta produção está dividida em 02 capítulos onde o primeiro retrata a produção do lugar pelo sagrado, enfatizando como se dá a manutenção dos lugares sagrados e suas simbologias e a contribuição do sagrado para a produção dos lugares piauienses, abordando a relação da urbanização piauiense e religiosidade, processo de fundamental importância para se entender a relação íntima entre produção espacial e religiosidade católica no estado do Piauí que resultou na produção do espaço urbano de Santa Cruz dos Milagres um lugar carregado de misticismo e simbologias cristalizadas no espaço e na memória de seus viventes e crentes.

O Segundo Capítulo discorre sobre a produção da hierópolis de Santa Cruz dos Milagres explicitando as práticas culturais relacionadas ao Sagrado, a manifestação do sagrado através das festas religiosas que ocorrem na cidade que são a Invenção da Cruz, a exaltação da Santa Cruz e o encontro dos Santos O Terceiro capítulo se refere ao sagrado na produção da hierópolis de Santa Cruz dos Milagres analisando o perfil dos romeiros e fiéis de Santa Cruz dos Milagres e a produção de infraestruturas urbanas na hierópolis de Santa Cruz dos

Milagres, para produzir embasamento e construir a cartografia do sagrado na hierópolis de Santa Cruz dos Milagres

## **2 A PRODUÇÃO DO LUGAR**

O lugar representa a reprodução da vida em uma porção do espaço, do qual o homem se apropria. De acordo com Carlos (2007), essa apropriação é feita através do corpo. Ao olharmos para essa percepção, concluímos que o corpo é o primeiro a contribuir para a produção, visto que ocupa espaço e permite a sociabilidade, da qual surge uma rede de relações e vivências que serão os alicerces de um dessa produção.

Essa visão de corporeidade nos leva a ver a produção do lugar e dos lugares a partir das ações dos seus agentes, dando sentido ao *lócus*, e ao mesmo tempo uma referência que só é produzida através dessas respectivas ações. A produção do lugar é arraigada de interesses dos seus agentes, que precisam de um ponto físico para sua sobrevivência, como também de uma interação social, resultando na produção do lugar para um posterior uso.

O uso do lugar, seja por ações simples ou cotidianas, produz uma história local que se liga a processos globais, dando uma internalização aos lugares que vão sendo construídos e explicitados nas formas de utilização. Esse uso faz com que cada membro do grupo sintam-se parte daquela porção do espaço, construindo ali sua porção que se unirá às demais, produzindo um lugar repleto de complexidade que reflete o trabalho, as relações e os conflitos vividos, caracterizando o lugar como resultado da justaposição das ações sociais.

Para o entendimento acerca da produção do lugar, faz-se necessário um olhar sobre o espaço, em específico, o urbano, que representa o moderno, a rapidez, a sociabilidade, e até mesmo a ausência dela, a qual faz do lugar algo cheio de sentimentos e sensação de pertencimento. O bairro e o lar representam a paz e o sentimento de pertencimento, explicitando que um lugar só tem existência se houver um apego a ele, para que seus agentes sintam-se parte dele.

Essa modernização dos meios através das redes onde o espaço muda a sua natureza, os fluxos e fixos interagem em uma dinamicidade e rapidez, deixando o espaço contínuo e fundindo-o ao tempo, o que faz com que o lugar continue com a sua essência, fixando-se através das ações sociais dos seus agentes, criando um processo identitário, mas

que é obrigado a relacionar-se com a amplitude do espaço, tornando-se um ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local (CARLOS, 2007).

O lugar possui identidade e essência, que nem mesmo a conectividade com as redes são capazes de abalar suas estruturas, pois nelas estão as vontades e vivências de seus agentes, construídas ao longo do tempo, guardadas nos mais variados detalhes de sua história, captadas pelas suas memórias, dando a ideia do que é um lugar e como ele deve ser entendido e percebido.

Para uma análise sobre o que é lugar propriamente, torna-se preciso antes de tudo visualizá-lo de dentro pra fora, pois a partir desse contexto poderíamos dar um novo sentido à nossa percepção do que vem a ser um lugar específico. Associar a visão de lugar à noção de tempo é também vital para um entendimento mais complexo, pois olharíamos a linearidade do tempo e suas ações sobre o lugar, produzindo visões baseadas nas vivências e assim reuniríamos o que foi percebido dentro e fora.

A percepção sobre o lugar é necessária, visto que é nele que a sociedade constrói sua vida, sua história, através do envolvimento, da sobrevivência, dos apegos, das crenças e do cotidiano, resultando na produção de lugares marcados pela história de vida de cada um dos membros e de seu respectivo grupo social, dando sentido à existência de ambos, resultando na identidade de pertencimento que se cristaliza sobre os lugares, através dos símbolos, das paisagens, ligadas diretamente à linearidade das vivências ao longo do tempo.

A relação entre vivência e lugar produz significados múltiplos os quais constroem áreas distintas, cada uma com a identidade do grupo que a produziu, mas ao mesmo tempo articuladas e, por que não dizer, exclusivas, usadas para moradias, festas, encontros, com sentido apenas devido à coletividade que agrega todas as ações individuais em um determinado *locus*, atribuindo-lhe características através da cotidianidade de seus viventes.

Essa complexidade do que vem a ser um lugar nos leva a visualizar que ele é produzido por essa interação dos grupos sociais, visto que a experiência desses grupos constrói lugares e os transformam em centros de significados, em emoções, dando a seus viventes a sensação de um lar, pois a produção do lugar é arraigada de interesses preestabelecidos que fazem dos lugares algo criado pelos e para os seres humanos. Tal criação necessita de uma estreita relação entre vivência e tempo, um envolvimento de tudo que os

cercam, e uma relação de paixão, pois sem esse sentimento não haveria sentido de lugar (TUAN, 1975).

Nesse aspecto, convém esclarecer que a ideia de lugar não está restrita a uma escala específica, mas sim a diferentes escalas que são marcadas pelas vivências e apegos de cada um. Tomamos como exemplo o lar, uma parte dele, ou uma rua, que são considerados lugares para alguns que experienciam estes pequenos espaços de uma forma direta, dando-lhes sentido para uma referência de vida.

Podemos ir a vários lugares, mas sempre voltamos ao lar, criando o que Pocock (1981) considera relação simbiótica do homem com o meio, tornando, para alguns, indissociável sua existência com o seu lar ou lugar de sociabilidade, de modo que pessoas tornam-se parte de seus lugares de vivências e não veem mais sentido de existência sem ele.

Um exemplo claro da produção do lugar repleto de sentimento e de afeto é a produção dos lugares sagrados, que afloram de forma mística, criando um magnetismo devocional, que transforma o lugar comum em outro com identidade e essência, e, ao longo do tempo, suas características vão se dissipando em um recorte espacial local, regional, nacional ou internacional, tornando esses lugares místicos para aqueles que participam de sua produção, como também para os que acreditam em seu misticismo, representado pelo sagrado. Normalmente esses lugares são produzidos em espaços comuns, destacados de forma diferente do cotidiano espacial, transformando-se em um lugar divino, no qual diferem dois mundos: o positivo, apreendido por nossos sentidos e que podemos visualizar, tocar, e outro repleto de divindades (CLAVAL, 2002).

Os lugares sagrados representam o elo entre o espaço comum e o divino, ou seja, a transcendência, que reforça as concepções sobre lugar, firmando-o como *locus* de sentimentos, de vivências, de apegos e de sentidos para a existência de seus produtores, cuja produção será discutida no tópico seguinte.

## **2.1 A produção do lugar pelo sagrado**

O lugar jamais existiria sem os interesses humanos. Os homens colocam todas as suas vontades, todos os seus desejos para que um lugar exista. Quando o sagrado se manifesta em um lugar comum e o transforma em um local especial, torna-se necessária a vontade de seus agentes para desenvolvê-lo e dar-lhe uma identidade. Os lugares sagrados são produzidos

em lugares comuns, apropriando-se de uma determinada porção, e assim criam um lugar diferente, através de uma hierofania, a qual se apropriará de símbolos, concebendo um mundo cósmico para diferenciá-lo do mundo real, de modo a proporcionar um sentimento de transcendência para os que acreditam e veneram o símbolo apropriado pelo sagrado.

Assim, os lugares sagrados vão criando formas e relações com os seus viventes, produzindo uma rede de significados que o distingue do espaço comum. Tais lugares são apropriados por religiões que os moldam dentro de seus interesses, ligando o povo a seus costumes e doutrinas, fazendo dos lugares sagrados locais diferenciados que representam o elo entre o mundo real e o imaginário, permitindo a transcendência de fatos inexplicáveis para um mundo imaginário. O lugar sagrado só surge porque seus viventes têm com ele uma relação de temor, de respeito e de fé nos símbolos criados para representar o sacro, dando a ele sentido à existência, impossibilitando a presença de um lugar sagrado sem um respectivo símbolo, que cristaliza a presença do diferente, por meio de uma crença que se dissemina pelo lugar dando a ele uma identidade vinculada a seus seguidores, que seguem fielmente as regras impostas pelos representantes da crença religiosa.

O sagrado envolve todos em um padrão, interferindo na organização espacial, fazendo com que tudo obedeça a sua lógica, conforme assevera Rosendahl (2005), impondo regras, construindo símbolos que são responsáveis pela sustentabilidade desses lugares. A essência dos lugares sagrados é a totalidade da divindade que o separa do que não é sagrado, dando a ele uma manutenção e criando vínculos com seus fluxos, fixos e viventes.

### 2.1.1 Manutenção dos lugares sagrados – simbologia

Para que os lugares sagrados continuem suas existências, é preciso manter o que foi produzido. Tal manutenção é possível devido a alguns fatores primordiais, semelhante ao mito que a originou. Mas o que vem a ser esse mito? Podemos classificá-lo como o marco zero da produção dos lugares sagrados, pois ele traz consigo a história de sua formação. Segundo Eliade (2010, p. 84), “o mito revela um mistério, pois seus personagens não são seres humanos; são deuses ou heróis civilizadores.”

Os mitos, após serem descobertos ou revelados, constituem-se verdade para os que neles creem, concebem um novo lugar, o sagrado, pois tudo que está relacionado ao mito, liga-se intimamente ao sagrado, tornando impossível dissociá-los. Esse novo lugar é

mantido por essa crença, que se torna guia de todas as atividades dos que a seguem, transformando homens em seguidores de uma crença religiosa que os aproxima daquilo que eles veneram, ou seja, dos seres divinos, dentro de uma concepção de que ele só se torna verdadeiramente homem, conformando-se aos ensinamentos dos mitos, imitando os deuses (ELIADE, 2010, p. 89).

Não podemos deixar de relacionar a origem dos mitos à necessidade que o homem tem de entender o mundo, visto que é através da necessidade que se constrói uma história repleta de vivência, de experiência. Muitos associam o mito à mentira, mas ele deve ser visto como uma narrativa de um fato significante que aconteceu diante de um ou de vários crentes que lhe deram sentido, para estarem em um lugar e até mesmo para suas vidas, fazendo-o proliferar ao contrário, em variantes romanescas, precisamente onde não exerce mais sua função, dissipando-se por outros lugares através de sua representatividade divina ou pelas redes de informações cada vez mais eficazes (NASCIMENTO, 1977).

O mito só pode ser justificado pelo seu caráter de existência que ele permite a quem nele acredita. Através dessa relação homem versus mito, ele cria características universais, sem uma noção linear de tempo e espaço, produzindo lugares distintos dos comuns fazendo-o homem, que se distingue pelos pensamentos que transcendem sua experiência cotidiana, conforme Armstrong (2005). Ademais, cria sentido para sua existência, atrelado ao lugar em que o mito tornar-se um fixo, através dos símbolos agregados ao espaço.

Intimamente ligados ao mito, surgem os símbolos para proporcionar-lhe sustentabilidade, pois, ao transformar um espaço comum em um lugar sagrado, precisa de instrumentos para mantê-lo sagrado. Dada essa circunstância, os símbolos adquirem novas interpretações no pós 1ª Guerra, quando se retomam as discussões sobre os símbolos e os seus respectivos valores, passando um valor além da imagem, e começam a ser considerados objetos voltados para dar uma justificativa aos mitos que têm, nos símbolos, formas de expressão que os crédulos usam como elo entre suas angústias, os fatos inexplicáveis e o mundo imaginário da salvação.

Podemos apontar os símbolos como fundamentais para a manutenção de um lugar sagrado, pois eles agregam a si significados sentimentos, crenças que jamais poderiam ser expressas por palavras, por isso as religiões se apropriam deles para representar suas ideologias e os tornam o elo entre a doutrina e o indivíduo crente, que o visualiza com maior

aproximação de seu mundo imaginário, fazendo das orações, dos rituais, das penitências, o caminho para alcançar o seu mundo idealizado e desconhecido.

Por meio dessa convicção de mundo idealizado e desconhecido, as religiões, principalmente a católica, utilizam os símbolos como instrumentos, fazendo deles parte de seus contextos e resumindo a sua explicação aos conhecimentos da fé, da qual se julga dominadora e a única capaz de justificar a existência desses instrumentos. Para a Igreja Católica, esses símbolos são vitais para sua permanência como dominadora da fé em determinado lugar, quando afirmam que eles captam significados alheios ao mundo comum, fazendo deles instrumentos para sua manutenção, e os expõem aos seus crentes de diferentes formas: imagens, templos que se agregam aos viventes e aos lugares, tornando-se impossível dissociá-los, pois ficam na memória desses povos, passando de geração a geração.

O que seria dos lugares sagrados sem a memória de seus viventes, uma vez que ela é o reflexo da interação entre membros de um determinado grupo com o seu mundo social, onde as lembranças são fundamentais para a existência desse grupo, que só existe devido à interação entre os sujeitos, tornando a memória algo coletivo e, as lembranças pessoais, algo abstrato se não forem reconstituídas por relações sociais afetivas, que originam essas memórias e proporcionam a manutenção das culturas produzidas nos lugares, sejam elas religiosas ou não. É esse vínculo afetivo que dá sustentabilidade às lembranças consistentes e vitais, e também constrói a vivência da memória. É o que discorrem Schmidt e Mahfoud (1993).

Quando nos aproximamos de nossa realidade atual, renovamos nosso apego ao grupo que estamos inseridos, remontando lembranças para nosso presente, caracterizando o trabalho da memória como algo em constante processo de reconstrução e reconhecimento (BOSCHI, 1983; ARAÚJO; MAHFOUD, 2002), deixando claro que a memória é reflexo de um coletivo e que se liga a tempos reais, construindo um contínuo entre o passado e o presente. Isso só é permitido através da entropatia dos sujeitos dos grupos sociais, que os permite entrar em um mundo intersubjetivo (ALES BELLO, 2004).

No mundo intersubjetivo é que são construídas as maiores interações sociais, resultando em ações no tempo e no espaço, que se cristalizam, proporcionando o desenvolvimento intelectual, social e, muitas vezes, espiritual dos agentes envolvidos. A cidade de Santa Cruz dos Milagres é exemplo de um lugar produzido pelo sagrado que, através da memória coletiva, construída em um mundo intersubjetivo, e da prática da

religiosidade popular, surgiu e permanece viva na memória pessoal de alguns que vivenciaram um momento coletivo, construindo assim toda a história da cidade.

É visível, na memória desse grupo social, a religiosidade, visto que ela originou o seu agrupamento e tem servido de suporte para sua continuidade, também por ser um trabalho de reconhecimento e reconstrução vivo no contexto social, alimentado pelas lembranças de seus vivos, que constroem seu presente através de um testemunho de entes queridos com experiências anteriores, que os norteiam sobre os aspectos relevantes.

É vital para a produção dos lugares sagrados a memória de seus vivos, pois, mesmo ela não reconstituindo o passado, apropria-se das diferenças entre os sujeitos do grupo, e associa-se ao tempo com a finalidade de obter a imagem da mudança, e ao espaço, que fornece a ideia de permanência e estruturas estáveis, em que essa interatividade construiu lugares como Santa Cruz dos Milagres, que recebe as marcas do seu grupo, tornando-se um *locus* repleto de formas cristalizadas de símbolos que representam a crença de seus vivos.

Todas as ações de um determinado grupo são traduzidas na leitura do espaço sobre o qual está inserido, pois é nele que se reúnem todos os elementos da vida social de seus vivos, e os mínimos detalhes construídos por suas experiências carregam sentidos inegáveis aos membros, remontando lembranças de suas relações que servem como fonte para alimentar suas memórias e continuar as práticas socioculturais que construíram e sustentam suas vivências.

Nos lugares sagrados como Santa Cruz dos Milagres, os grupos sociais encontram motivos para permanecer ali, alimentando suas ideologias. Mesmo que para alguns seja incompreensível, para eles, representa o contínuo de uma manifestação realizada por seus entes mais próximos, que se cristalizou nas suas memórias pessoais e, conseqüentemente, torna-se algo coletivo e socializador, a religiosidade conservada pela memória coletiva dos seus vivos produz, na cidade de Santa Cruz dos Milagres, processos bastante relevantes, que vão das manifestações de fé, da criação de símbolos e de formas geográficas que representam as pessoas que ali expressaram suas crenças, seus desejos e seus anseios, conscientes da “salvação”, e até mesmo os inconscientes como os “profanos” (DAMATTA, 1998). Ao cessarem as celebrações religiosas comandadas pela igreja, descortinam-se outras manifestações secundárias, mas importantes, que são representadas pelas festividades profanas em bares, clubes, restaurantes, que, de forma racional, ajudam pessoas a esquecer

problemas cotidianos e acomodam-se como rugosidades ao meio dos símbolos religiosos (AMARAL, 1998).

A cidade de Santa Cruz dos Milagres é sustentada pelas ações dos grupos sociais que, movidos por um mito, construíram, sucessivamente, uma capela, uma igreja e uma cidade, em decorrência disso, agregando ações através dos mitos, dos símbolos e da memória de seus sujeitos, que deram continuidade às práticas religiosas no lugar sagrado de Santa Cruz dos Milagres.

A ligação entre os devotos e a Santa é mística, fazendo com que os seus devotos criem rotinas de preces como também de peregrinação pela cidade, como forma de serem agraciados pela divindade da Santa e de estarem mais próximos da salvação que tanto almejam, desde seu entendimento sobre o plano terrestre e sobre o natural, passando de geração a geração através da memória coletiva desse grupo social.

A cultura da religiosidade tem fomentado a disseminação do fenômeno religioso que construiu, produziu e reproduziu, através da fé, a cidade de Santa Cruz dos Milagres, onde a complexidade de costumes e desejos humanos se entrelaçam e se expressam através da religiosidade católica que mantém sua hegemonia, cristalizando-se na representação do mito, que está relacionado ao aparecimento da cruz. Muito tempo depois, essa imagem foi considerada santa, e os símbolos e os rituais conservam vivo esse lugar sagrado.

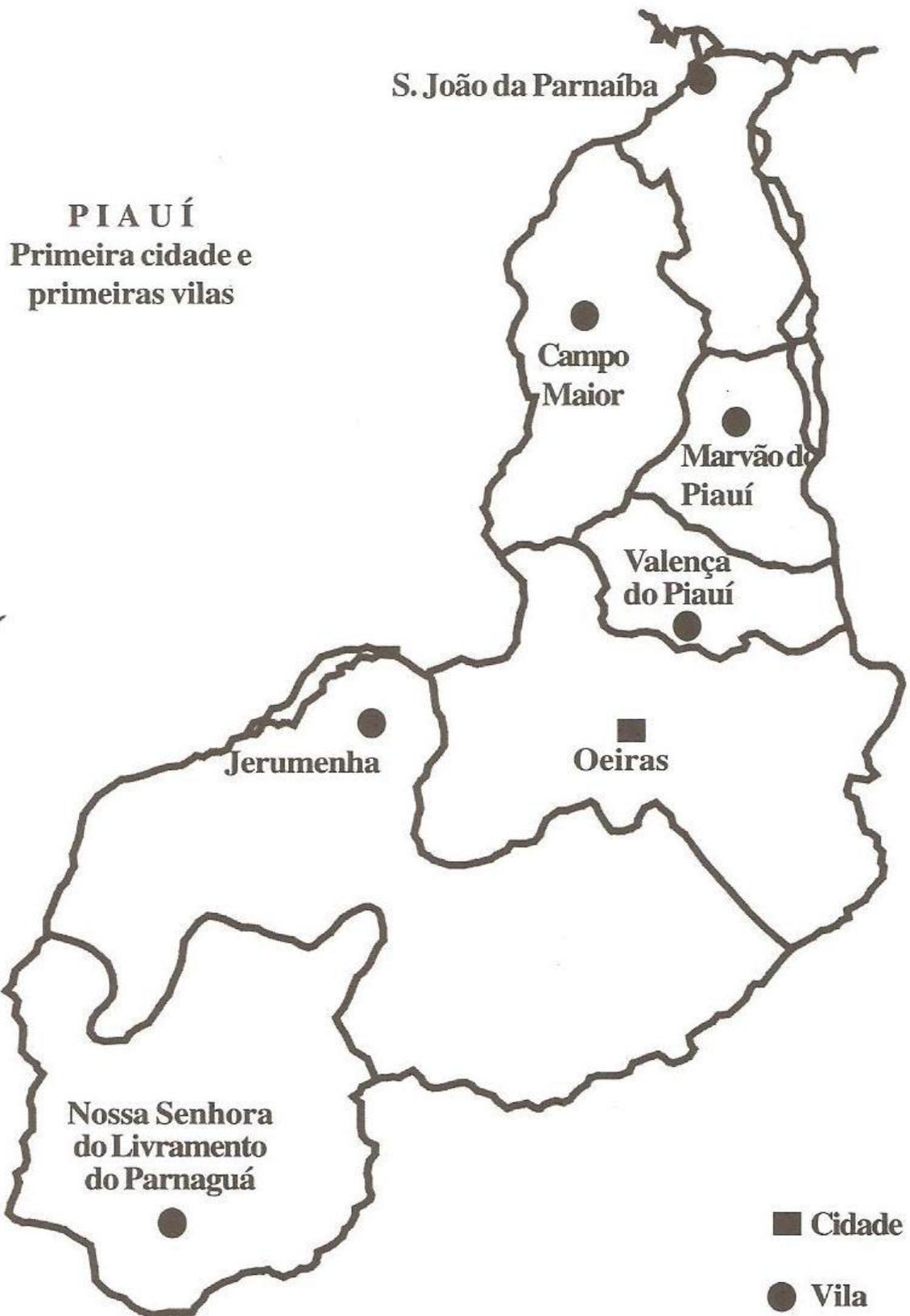
## **2.2 A contribuição do sagrado para a produção dos lugares piauienses**

O Piauí, que tem a sua produção territorial ligada à atividade pecuária, construiu uma cultura sertaneja hibridada pela religiosidade e pelos vaqueiros que representam a historicidade da produção do território piauiense. A maior parte das cidades piauienses foi criada a partir da atividade pecuária, que produziu as grandes fazendas que posteriormente originaram as primeiras cidades, organizando a estrutura política administrativa.

Atualmente, o Piauí tem 224 municípios e algo em comum entre eles: o calendário festivo religioso ligado à figura do vaqueiro, fato que está relacionado com a atividade pecuária que desbravou o território piauiense e o cristalizando como província PIAUHY em 1758. Somente no século XVIII é que surgem as primeiras vilas e posteriormente as primeiras cidades, tendo sua organização espacial formada pela cidade de Oeiras e as vilas de Valença,

Marvão, Campo Maior, São João da Parnaíba, Nossa Senhora do Livramento do Parnaguá e Jerumenha, como ilustra o mapa a seguir.

MAPA 1 – Piauí: primeiras cidades e primeiras vilas

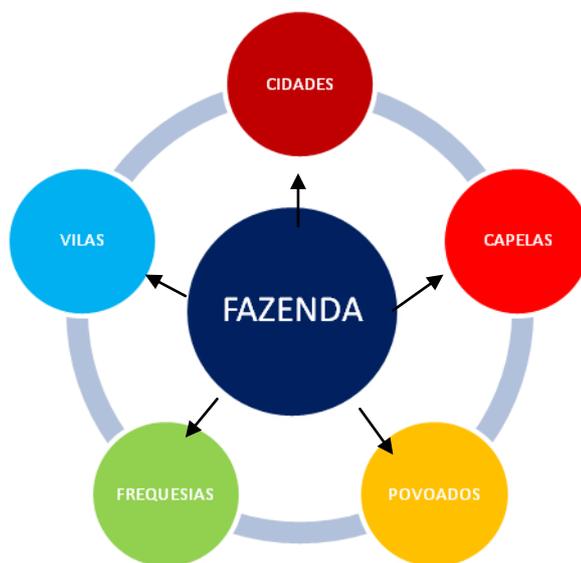


Fonte: Baptista (1986, p. 77).

Essa configuração espacial dá início à produção territorial do Piauí, onde já é possível ver a presença da religiosidade na identificação das cidades como Nossa Senhora do Livramento e São João da Parnaíba, fato este que foi possível devido à participação da igreja católica na produção espacial do Piauí, visto que foi a primeira a reconhecer a existência deste Estado antes mesmo da Coroa Portuguesa, através da criação da freguesia de Nossa Senhora das Vitórias, que posteriormente viria se tornar a capital da província e com uma nova denominação: Oeiras.

Nesse sentido, a igreja também atuou em parceria com o poder político na criação e organização das vilas e cidades do Estado, bem como construiu a cultura da religiosidade cristã na sociedade piauiense desde as suas primeiras aglomerações sociais nas fazendas, pois ali foram edificadas capelas que deixariam mais complexo o espaço, gerando ligações e repasses de informações que anteriormente era impossível em razão da falta de comunicação entre as fazendas. A constituição dessas capelas proporcionou o surgimento dos primeiros povoados, resultando na formação sucessiva das freguesias, vilas e cidades, produzindo assim o espaço da ainda capitania piauiense, conforme é possível identificar no gráfico abaixo.

GRÁFICO 1 – Produção espacial da província do Piauí



Fonte: Oliveira (2010).

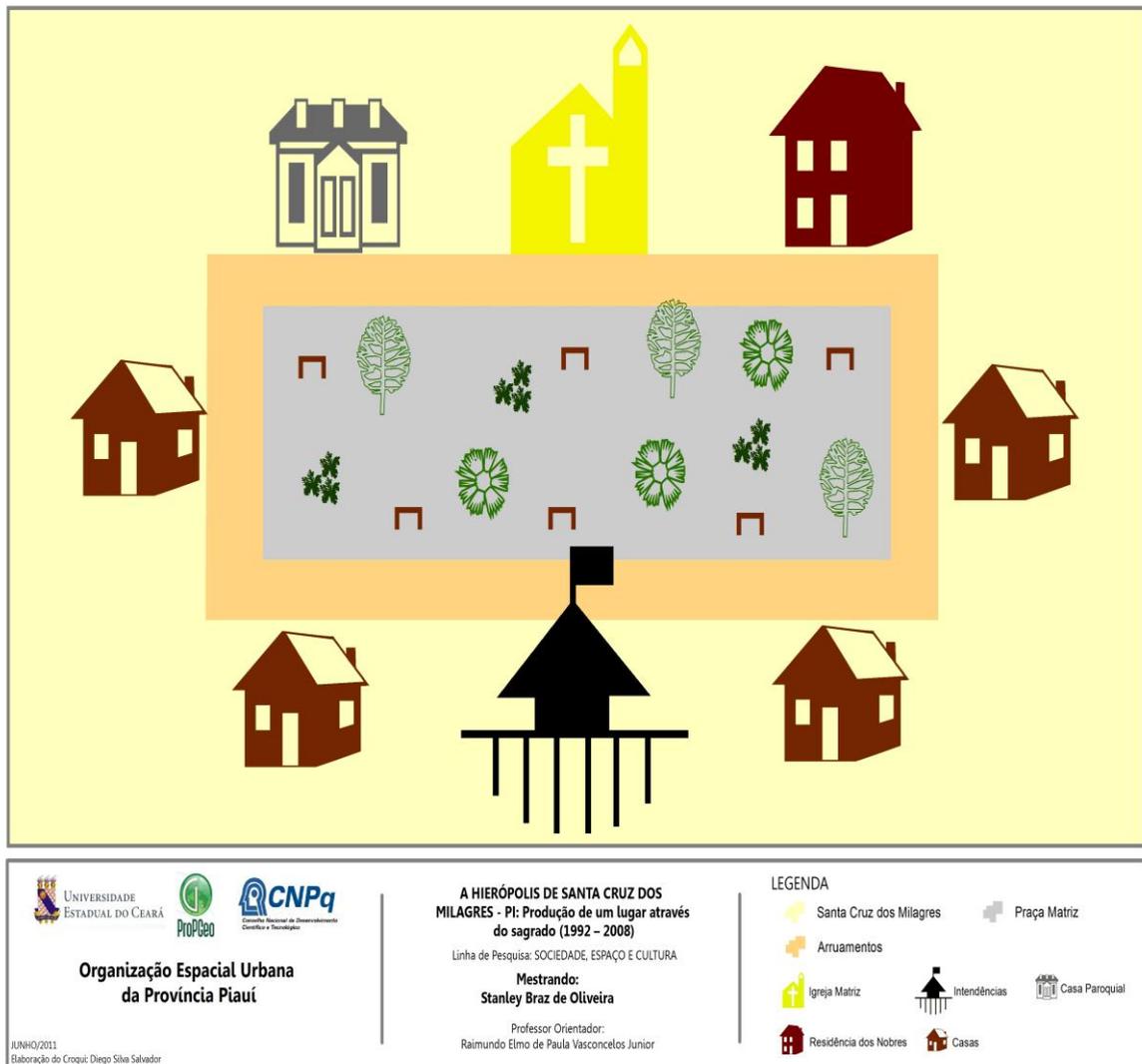
Vislumbra-se então que a igreja católica foi fundamental para a produção do espaço urbano piauiense, processo que não foi pioneiro, pois desde a colonização havia

participação significativa desta no processo de organização espacial brasileiro, em que as missões religiosas contribuíram para desbravar o território e doutrinar os padrões sociais junto ao Estado, uma relação que permaneceu por muitos anos, consagrando a igreja uma aliada do Estado para manter sua hegemonia, funcionando como instrumento do Estado visto que lhe era subordinada.

Posteriormente nos anos de 1781 com o fim do Padroado Real no Brasil a igreja torna-se independente, ficando sob o poder do Papa, cabendo a ela como instituição toda uma reformulação em sua estrutura, e continuar como uma das instituições mais confiáveis e de importância para o Estado, para continuar a produzir e organizar o território brasileiro, como o que ocorreu na produção do espaço piauiense, que foi estruturado através da relação poder e religiosidade.

O processo de urbanização piauiense ocorre com mais nitidez no século XVIII, quando as freguesias passaram a ser denominadas vilas, e criada a primeira cidade depois de ter sido elevada a Vila da Mocha, surgindo a cidade de Oeiras. Nessa ocasião, a falta de infraestrutura assolava as vilas e cidades como também a superioridade da população rural em relação à urbana, proporcionando à província dificuldades de desenvolvimento econômico em comparação com as demais, pois a estrutura do Piauí girava em torno das fazendas, que eram desarticuladas espacialmente. A falta de comunicação foi amenizada com a ação da igreja católica e dos fazendeiros que construíram capelas nas fazendas, proporcionando a quebra dos costumes rurais desarticulados, de forma a possibilitar manifestações culturais ligadas à religiosidade produzida pela igreja católica, permitindo a divulgação desses eventos, que resultaram na integração dos proprietários e trabalhadores das fazendas.

Desse modo, a cidade de Oeiras tornou-se a primeira capital da capitania, sendo produzida e organizada aos olhos da igreja, que orientava a conduta social e dentro dela iria se construir um espaço urbano comandado pelos dogmas da igreja católica e do poder político, fazendo a cidade ganhar o título de capital da fé, guardando no seu patrimônio histórico as mais antigas construções da igreja no Piauí. Nesse contexto, foi produzido um padrão na organização espacial das cidades piauienses, onde igreja é construída no centro, e no entorno, a praça, representando a fé, e a prefeitura, o poder político. Nos arredores, as residências das famílias, aliadas à igreja e aos outros grupos de poder político e econômico, produzindo e reproduzindo o espaço urbano piauiense. Ver esquema abaixo:



A igreja católica participa ativamente na produção espacial do Piauí, tornando-o território propício para a divulgação da fé proposta por ela. Nessa perspectiva, a maioria das vilas que posteriormente vieram a tornar-se cidades tem nomes ligados à igreja católica, e as que não têm essa explícita relação, foram cristalizadas festividades religiosas que construíram a cultura do Piauí atrelada à igreja católica, acompanhando o desenvolvimento populacional, disseminando o catolicismo popular e conseguindo adesão significativa da população piauiense da época ao catolicismo. Embora não existisse uma articulação considerável entre as fazendas, vilas e cidades, a igreja produzia novenas nas fazendas condicionadas às festas em homenagem aos santos, que se tornariam os padroeiros das futuras cidades. Posteriormente, esses santos seriam os companheiros mais próximos aos fiéis,

proporcionando-lhes uma ligação com o sobrenatural, construindo uma religiosidade vertical (BAKKER, 1974).

O catolicismo popular produziu festejos junto à elite pecuarista e aos trabalhadores das fazendas, articulando-se entre os pobres e os ricos, adaptando-se tanto às capelas das fazendas como também aos altares construídos nos terreiros dos povoados, tornando-se visível a distinção entre essas classes, pois era comum, nesses eventos religiosos, a ausência de representantes da igreja. Convém ressaltar a importância do proprietário que promovia a novena, pois, conforme seu destaque socioeconômico, era enviado um sacerdote da freguesia mais próxima, daí resultando em festejos com missa, comidas, danças, etc., para representar a religiosidade católica do Estado, que contribuiria para produzir vários espaços urbanos piauienses.

Não há como negar quanto à importância da participação da igreja na produção dos espaços piauienses, pois, ligada diretamente ao Estado, preocupava-se em conseguir adeptos ao catolicismo, uma prática que vem desde o Brasil colonial, e no Piauí aconteceu de forma mais intensa, repercutindo na formação e desenvolvimento das cidades do Estado, que resultou na integração dos piauienses na busca pela salvação, permitindo que a igreja piauiense fosse gestora da maior parte dos espaços que seriam produzidos.

No contexto do século XIX, era comum uma vila, quando elevada à categoria de cidade, haver um representante do poder político e outro da igreja, de modo interligados, fazendo da fé algo condicionado à igreja, e o poder, aos representantes políticos. Por muito tempo, a união estado/igreja comandou a organização espacial piauiense, condicionando à igreja o papel de representante de todas as manifestações culturais considerada por ela de bons costumes.

Era visível a junção entre igreja e Estado, na qual a primeira atendia as cerimônias políticas, excluindo desses momentos os menos favorecidos, que só se integrariam nas novenas, festividades cristãs que favoreciam uma maior aproximação, mas com visível segregação entre os detentores de poderes políticos e administrativos. Todavia, era necessário estar no meio de todos os fiéis, visto que era através da religiosidade que a igreja mantinha o seu prestígio e poder na sociedade, usado para produzir as cidades piauienses. Isso era perceptível no momento da nomeação das primeiras vilas e cidades, em que a maioria possuía nome de santos, e as que não possuíam tinham suas manifestações culturais ligas às festividades religiosas.

Essa configuração pode ser identificada no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Primeiras vilas e cidades com seus respectivos padroeiros – 1762

CIDADE/VILA	PADROEIRO
SÃO JOÃO DA PARNAÍBA	NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
SANTO ANTONIO DO CAMPO MAIOR	SANTO ANTÔNIO
MARVÃO	NOSSA SENHORA DO DESTERRO
VALENÇA	NOSSA SENHORA DO Ó
*OEIRAS	NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS
JERUMENHA	SANTO ANTÔNIO
NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO DO PARNAGUÁ	NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO

\*Oeiras era a única cidade na época.

Fonte: OLIVEIRA, 2010 (a partir de pesquisa documental junto a diocese da igreja)

### 2.3 Urbanização piauiense e religiosidade

A urbanização piauiense segue atrelada ao processo nacional, que se fez semelhante ao modelo europeu que, aplicado ao espaço brasileiro, apresentou falhas, visto que a urbanização europeia deu-se baseada no processo de urbanização tecnológica, do qual o Brasil ainda não tinha sido favorecido, por isso sua urbanização foi lenta e pontual, acontecendo somente em algumas regiões, tendo em vista que a atividade econômica ligada à pecuária era voltada para a exportação, processo este que não integra o Piauí ao contexto de urbanização nacional, resultando na produção de pequenas cidades com uma economia mais atuante. Nos meados da década de 1950, surgiam mais cidades que permitiram um maior desenvolvimento da economia e articulação entre elas.

## QUADRO 2 – Aumento das cidades e paróquias piauienses

AUMENTO DAS CIDADES PIAUIENSES E DE SEUS RESPECTIVOS PADROEIROS		
ANO	Nº DE CIDADES	Nº PADROEIRO
1950	49	49
1960	71	71
1970	114	114
1980	118	118

Fonte: Oliveira (2010).

Esse significativo aumento no número de cidades é acompanhado por outro fato de significativa importância na produção do espaço urbano piauiense, ou seja, o desenvolvimento da igreja como instituição, que contribuiu para o surgimento dos lugares no Piauí, e assim conseguir manter-se entre os estados de maior número de católicos e organizar o espaço na conduta social da população, fazendo sua organização interna semelhante à estrutura gestora do estado. De acordo com o destaque da cidade, era criada uma diocese para as menos desenvolvidas e, para as mais desenvolvidas, uma arquidiocese, essa organização iria contribuir para perpetuar a cultura religiosa católica nas novas cidades como também manter nas já existentes. Ver mapa abaixo.

MAPA 2 – Diocese e arquidioceses do Piauí



Fonte: [www.cbbne4.org.br/](http://www.cbbne4.org.br/)

Como no período colonial a relação poder e religiosidade permanece ativa, visto que algumas cidades vão se tornando polo de desenvolvimento, conseqüentemente a igreja dá maior importância a elas, estruturando sua administração de acordo com a importância da cidade e com as regionais administrativas do território piauiense, possibilitando assim o seu desenvolvimento, a organização do Estado e da própria igreja.

Nesse sentido, a organização da igreja fez comandos estratégicos, instalando em cada cidade polo de desenvolvimento uma diocese para cultivar e distribuir a religiosidade católica, o que contribuiu significativamente para a construção espacial do estado do Piauí.

No século XXI, o Piauí possui 224 municípios, divididos em microrregiões denominadas Litoral, Baixo Parnaíba Piauiense, Teresina, Campo Maior, Médio Parnaíba Piauiense, Valença do Piauí, Floriano, Picos, Pio IX, Bertolínia, Alto Médio Canindé, Alto Parnaíba Piauiense, São Raimundo Nonato, Alto Médio Gurgueia, Chapadas do extremo sul piauiense. Conforme o mapa a seguir.

### MAPA 3 – Microrregiões do Piauí

Essa divisão territorial do Piauí proporcionou à igreja interligar as microrregiões do Estado com suas dioceses, fazendo da atual capital a sua única arquidiocese do Estado, centrando as maiores decisões de manutenção e disseminação da religiosidade católica em todo o Piauí. É nessa arquidiocese que está concentrado o poder de decisão de uma das maiores expressões de religiosidade popular do Piauí, a cidade de Santa Cruz dos Milagres, foco deste estudo, localizada na microrregião de Valença, uma cidade produzida pela religiosidade e que hoje se encontra em constante processo de reprodução de seu espaço urbano, modelando a geofricidade de suas formas através das manifestações do sagrado e do profano, concentrando a maior disseminação de fé e religiosidade católica do Estado do Piauí, fato que lhe proporcionou o título de maior santuário religioso do Piauí.

### **3 SANTA CRUZ DOS MILAGRES – A CIDADE DA FÉ**

Localizada no sertão piauiense a 168 km da capital Teresina, a cidade de Santa Cruz dos Milagres, com apenas 3.794 mil habitantes (CENSO IBGE, 2010) acomoda, no século XXI, o maior santuário religioso do Piauí, agregando valores culturais e simbólicos, reflexos da religiosidade desenvolvida pela população e incentivados pela Igreja Católica no Estado.

Santa Cruz dos Milagres representa a expressão da religiosidade católica no Estado do Piauí, haja vista a forte relação do Estado com a Igreja na sua produção espacial, tendo em vista que a maioria das terras onde hoje está localizada a cidade pertencia à Igreja e foi doada ao Estado numa tentativa de produção e manutenção do lugar sagrado.

Localizada na microrregião de Valença, a cidade agrega poder religioso, cabendo ao Estado o seu comando político via cidade de Valença até o ano de sua emancipação, e à Igreja o comando religioso via Arquidiocese de Teresina. A capital do Estado é concentradora do alto clero, explicitando a importância deste lugar sagrado para a administração da Igreja.

MAPA 4 – Localização do Município de Santa Cruz dos Milagres

### 3.1 A produção da hierópolis de Santa Cruz dos Milagres

Os lugares se constroem de acordo com as necessidades sociais, criando hierofanias<sup>1</sup> que se tornam vitais para a sobrevivência do grupo vivente. A cidade de Santa Cruz dos Milagres é exemplo dessa dinâmica, pois foi através de uma estrutura criada pela prática da religiosidade, originada por mitos e lendas e repassados de geração a geração, que atraíram um contingente de devotos e a transformaram em santuário de peregrinação.

Em data imprecisa do século passado havia nesta região, então município de Valença, uma fazenda no lugar chamado “Jatobá”. Um dia ali chegou um “profeta”, um destes “beatos” que naquele tempo andavam de lugar em lugar, falando de penitência e outras devoções particulares, impressionando a mente simples do povo. Levou o vaqueiro da fazenda ao alto de um morro próximo e ali, entregando a ele um cavador de madeira, mandou que abrisse um buraco na pedra bruta, que cobre quase todo o monte. Ele mesmo foi ao mato próximo trazendo logo depois uma cruz de madeira. O vaqueiro não havia cavado nada, naturalmente. O velho abaixou-se, traçou com o dedo um círculo na pedra, e com a mão toda, sacou um extrato da mesma, ficando aberto o buraco um tanto profundo e circular, como se pode ver ainda hoje ao lado da Igreja. Ali fincou a cruz e disse ao vaqueiro que, por aquele sinal, um dia aconteceriam maravilhas. Em seguida desceu o morro e já próximo ao rio São Nicolau, mostrou-lhe uma nascente de água (olho d’água) que o vaqueiro não conhecia, apesar de tantos anos campeando naquela região. Também falou que, por aquelas águas, até milagres ali haveria de acontecer. Contam que o velho depois seguiu viagem, ou que teria simplesmente desaparecido. O vaqueiro voltou aos seus trabalhos, esquecendo o incidente. Tempos depois adoece uma filhinha sua. Piorando cada vez mais, apesar das “mezinhas”, rezas e promessas. Lembrou-se o vaqueiro da cruz que fincara lá no morro. Levou a criança até lá, rezou com ela e depois, no olho d’água, deu-lhe um banho e a fez beber daquelas águas límpidas. Voltou para casa com a filhinha completamente curada (MENDES, [s/d], p. 05-06).

O acontecimento desperta novos olhares, resultando em pesquisas científicas voltadas para narrar o fenômeno através do olhar científico como o das autoras abaixo.

Conta-se que num certo dia de um ano que não se sabe mais qual, chega à fazenda Jatobá um homem desconhecido. Sem dar qualquer explicação, chama o vaqueiro e vai com ele a um morro próximo dali. Os dois passam a construir uma capela de taipa, coberta de palha, e um cemitério. Em frente da capela colocaram uma cruz (cruzeiro) feito de pau-de-chapada. O desconhecido risca no duro lajedo o tamanho exato do local onde fincar a cruz e retira com as mãos o pedaço de pedra já cortado. Chama o vaqueiro e diz: “Esta cruz é milagrosa e neste lugar se darão grandes prodígios”. Em seguida desce com o vaqueiro até o sopé do morro e mostra um pequeno olho d’água junto a uma palmeira de buriti. “Esta água é benta, quem dela beber, e tiver fê, será curado dos males do corpo e da alma”. Enquanto o vaqueiro se abaixava para beber, o desconhecido desapareceu “sem deixar rastro”. A notícia do fato correu o mundo. Foi o próprio Jesus Cristo que veio, pessoalmente, determinar o seu desígnio e escolheu aquele lugar, inóspito e árido, como para significar seu caráter penitencial e místico (NUNES; RIBEIRO, 1995, p. 357-358).

---

<sup>1</sup> Manifestações reveladoras do sagrado. AULETE DIGITAL. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.

Mas nada mais surpreendente do que uma narração diferente, sob um olhar de quem ajudou a construir a cidade e vivenciou todo o seu processo de produção e organização espacial e cultural.

No início do século XIX, na fazenda Jatobá, antes no município de Valença do Piauí, hoje pertencente ao município de Aroazes, apareceu um senhor de nome não identificado à procura de uma pessoa, capaz de lhe prestar um trabalho. Um vaqueiro da fazenda ofereceu-se para fazer o serviço. Eles se dirigiram em direção ao morro que ficava um pouco mais de um quilometro de distância da fazenda. No morro eles cortam um cavador de pau e sobem no cerrado, lá ele procura um local bem em cima de uma rocha e manda o vaqueiro cavar um buraco, o vaqueiro achou difícil furar o buraco no lajeiro com o cavador de pau e disse: Mestre, aqui não dá para furar buraco. O outro respondeu: dá meu rapaz. Em seguida ele trisca com o dedo na ponta da língua, molha de saliva e faz uma roda sobre o lajeiro, pega o cavador e começa a cavar, logo o lajeiro foi se furando. Ele manda o vaqueiro tirar a terra e logo o buraco estava eito. Ele desaparece e logo depois chega trazendo a cruz de chapadeiro, deixando neste local o marco que até hoje ninguém identificou o autor deste trabalho. O vaqueiro que prestou o serviço ao desconhecido logo foi passando a história para seus colegas vaqueiros que terminavam vendo cousas que não compreendiam. A partir daí começa a romaria, o vaqueiro desapareceu, mas sua história vai se perpetuando pelos outros. A igreja vem e aproveita a romaria para fazer a evangelização daquele povo. Na procissão cantava-se: “Ave, ave ó divina cruz, que em seus braços morreu Jesus” (PORTELA, [s/d], p. 1).

Todas essas interpretações têm como ponto em comum a mistificação da cruz, enquanto elemento geo-simbólico, que dá início a um mundo imaginário e, conseqüentemente, à construção de uma palhoça, transformada depois em capela. Em 1911, é edificada uma igreja, principiando o processo de organização local, onde surgirá a cidade de Santa Cruz dos Milagres, desmembrada do município de Aroazes em 1992 (PORTELA, [s/d]). A cruz de madeira posteriormente será considerada santa pela igreja católica, e assim começou a organização da cidade em função do sagrado e do profano, fazendo com que os dois interagissem e construíssem o lugar sagrado da cidade de Santa Cruz dos Milagres.

FOTO 1– Igreja Matriz de Santa Cruz dos Milagres



Fonte: Oliveira (2010).

Toda essa dinamicidade em Santa Cruz resultou numa estratificação espacial, na qual os extratos foram apropriados por grupos sociais com características socioeconômicas diferenciadas. Esta territorialização divide e subdivide o espaço, segregando as classes sociais e, dessa forma, também fazendo surgir espaços para os romeiros dentro da mesma realidade. O lugar do romeiro mais humilde é, muitas vezes, distante e sem infraestrutura, diferente do espaço do turista de maior poder aquisitivo, em que há maiores comodidades.

FOTO 2 – Acomodações dos romeiros de menor poder aquisitivo



Fonte: Oliveira (2010).

Em Santa Cruz dos Milagres, observa-se que o processo gerador da fé foi sendo construído pelos devotos, ricos e pobres, que se identificaram naquilo que os une, a religiosidade e a crença em um espírito superior e na obrigação imperiosa de cumprir atos e procedimentos que os fazem semelhantes. Nisso resultou em um lugar onde romeiros e moradores se segregam e dividem seus espaços, acomodando-se de acordo com suas condições e necessidades, formando um mosaico de classes econômicas distintas. Mesmo por um curto período, mas que ao se direcionarem a uma igreja ou lugar santo, tornam-se iguais.

Sob essa ótica, a cidade tem o poder de descortinar diferenças, visto que todos se abrigam dentro de um espaço, onde aparentemente são iguais, porquanto ali estão pelo mesmo motivo, a religiosidade, a fé. Enfim, as tensões humanas estão sempre presentes nos palcos da cidade e marcam a produção territorial, que se cristaliza na memória da sociedade. Nesse contexto religioso, temos a memória cristã ligada profundamente à imagem de Cristo, mas que aos poucos ganhou um cunho mais popular, materializando-se em santos e até mesmo em mortos (LE GOFF, 2003).

O catolicismo popular no contexto brasileiro tem sido fundamental para construir e organizar a maior parte das cidades brasileiras, uma vez que o Brasil é considerado um dos países mais católicos da América Latina, e o Piauí, o Estado que possui o maior número *per capita* de católicos, agregando valores à sua cultura que se misturaram à cotidianidade da população, resultando em representações de fé em massa, como a que ocorre em Santa Cruz dos Milagres, formando uma relação intrínseca entre religiosidade e espaço.

Veio então monsenhor Mateus Cortez Rufino com seu grupo de evangelizadores para educar na Santa doutrina. Ele bate o sino, chama a criançada que reunida ao seu redor começa a aprender a doutrina cristã. Os anjos nos céus contentes louvam a Jesus e nós aqui na terra louvamos a Santa Cruz. Assim ele foi nos educando e começamos a entender que não é só comendo que se mata a fome, não é só bebendo que se mata a sede, mas é o amor, a nossa fé que nos salvará (PORTELA, [s/d]).

Com efeito, observa-se que o espaço foi apropriado pela religiosidade popular produzindo costumes, crenças e valores culturais oriundos da religiosidade católica, que se propagam por várias gerações, contribuindo para transformar um espaço, localizado no meio do sertão piauiense, descoberto lendariamente por um homem desconhecido, em um *locus* de disseminação de fé, ato que produziu e tem produzido a cidade de Santa Cruz dos Milagres, fazendo com que essa relação entre religiosidade e espaço se desdobre em uma multiplicidade de significados.

A dimensão do lugar, através do simbolismo que representa, não é meramente descoberta e sim reivindicada e operada pela coletividade religiosa, que se expressa das mais variadas formas geográficas, como uma característica peculiar, o simbolismo da fé, mesmo que apropriado por outras manifestações como a do profano, mas que mantém a fé como a gestora do processo (ROSENDAHL, 2007).

As ações políticas nos espaços são vitais para seu desenvolvimento, visto que elas contribuem para a sua produção concebendo formas geográficas através das infraestruturas que são produzidas na cidade para acompanhar sua evolução populacional e espacial, criando uma relação intrínseca entre poder político e produção espacial. Em Santa Cruz dos Milagres não foi diferente.

Nós morávamos em uma fazenda no município de São Miguel do Tapuio no outro lado do rio São Nicolau, quando começamos a freqüentar o espaço de Santa Cruz, logo nos tornamos parte daquele espaço, estudamos lá, construímos nossa história, meu irmão Manoel Portela tornou-se prefeito de Aroazes posteriormente, e mandou construir a escadaria da igreja para facilitar o acesso dos romeiros à igreja que fica no alto (Miguel Portela, entrevista concedida em 12 de setembro de 2010).

É visível a ligação política com a produção espacial de Santa Cruz, mesmo antes de tornar-se cidade, pois, dentro de uma visão administrativa e organizacional, o citado prefeito de Aroazes percebia a necessidade de melhorias na então cidade da fé, contribuindo para a produção de um espaço de reivindicação e operação coletiva.

No período de uma década, após a emancipação da cidade, os fiéis tiveram ação decisiva para o desenvolvimento espacial da cidade, tendo a religiosidade como carro-chefe dessa produção, fazendo da cidade um *locus* de símbolos espaciais ligados a ela, como o olho d'água milagroso, contribuindo para a formação da identidade da cidade da fé, cristalizando na mente das pessoas a produção de um espaço cósmico de interseção entre o bem e o mal e de representação da salvação.

FOTO 3 – Olho d'água milagroso, Santa Cruz dos Milagres-PI



Fonte: Oliveira (2011).

O olho d'água considerado milagroso representa para os fiéis a perspectiva de cura e salvação proporcionadas pela religiosidade que, ao longo do tempo, vem se territorializando, dando a eles formas geográficas, dotadas de símbolos, como representação daqueles que as construíram, movidos pela fé, representada pelo sagrado, e que pode ser vista como elemento produtor do espaço (LEWANDOWSKI, 1984), quebrando as clássicas análises que só levavam em conta os fatores clima e vegetação, e desse modo levou-nos a ver a cultura como produtora dos espaços, participando de sua gênese como também de suas funções no cotidiano.

Impossível não relacionar o fenômeno de produção espacial urbana de Santa Cruz dos Milagres, a partir de sua formação, à religiosidade dos antigos santuários do paleolítico, conforme o pensamento de Rosendahl (2009), que foram a base para o desenvolvimento das cidades, quando faziam do templo religioso um elo entre a cidade e a fé, produzindo um espaço dotado de simbologias que proporcionam a identidade de cidade da fé, onde o sagrado é responsável, junto ao profano, pela produção e sustentabilidade desses espaços, explicitando-nos que as manifestações religiosas construídas pelas sociedades mais remotas não se perderam com o tempo, pelo contrário, uniram-se a ele numa sincronia, acompanhando as evoluções técnicas e as utilizando para um maior desenvolvimento (ROSENDAHL, 2007).

A formação das cidades permitiu ao sagrado maiores manifestações, fazendo dela “cidade”, uma representação da divindade onde os organizadores do espaço sagrado seriam os intermediários entre a terra e a salvação. À medida que as cidades cresciam, mais manifestações de poder e religiosidade surgiam, com a finalidade de comandar e nutri-las de organização política, espacial e respeito ao sagrado, transformando essa prática em rotina nas produções urbanas, visto que, nas cidades contemporâneas, as funções tornam-se mais complexas, mas não desligam a Igreja do poder, que continua produzindo cidades especializadas na fé, marcada pelos rituais religiosos de peregrinação e romarias, a exemplo de Santa Cruz dos Milagres.

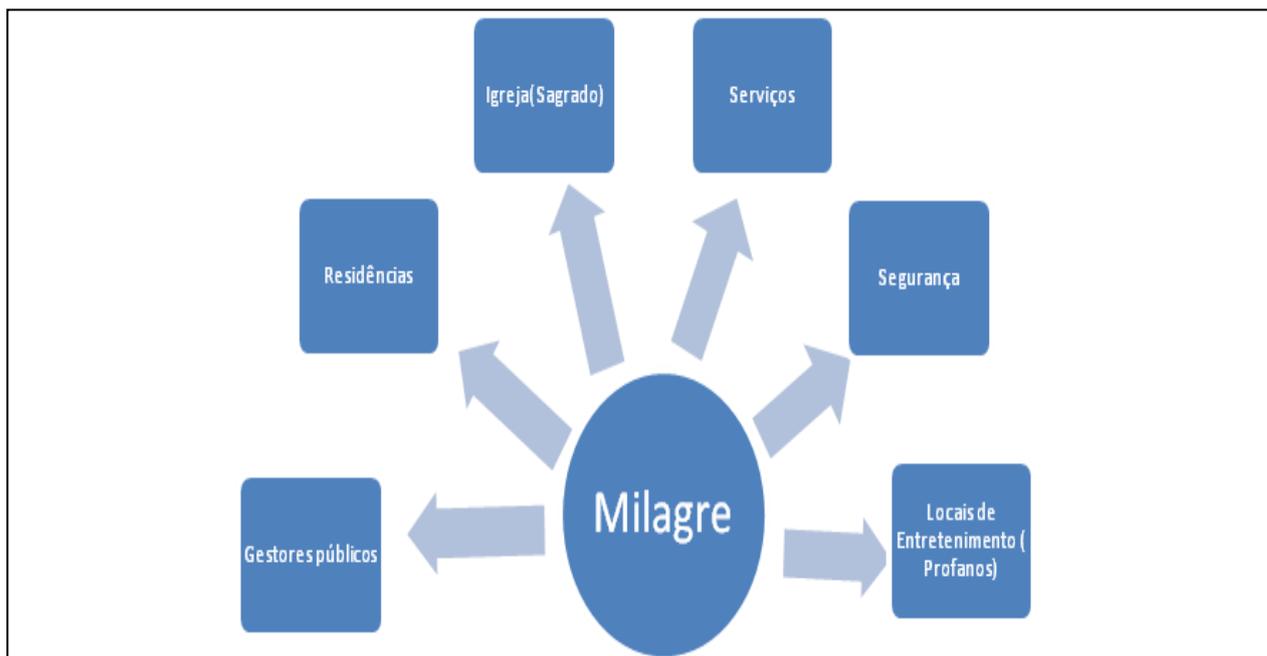
Cidades como Santa Cruz dos Milagres, produzida por agentes sociais urbanos fixos e temporários<sup>2</sup>, destacam-se pela simbologia cósmica, alimentada pela busca do milagre. Os fiéis direcionam-se a elas para alcançar uma graça ou agradecer uma graça alcançada, produzindo rotinas sagradas, periódicas ou ocasionais. Essa busca permite a construção destas cidades através da relação templo – povoamento, por meio de um milagre se produz todo um lugar marcado pela fé e suas simbologias que se cristalizam.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres é resultado do processo de disseminação da religiosidade popular, ou seja, a partir de um “milagre” se construiu um misticismo, resultando na formação de uma cidade da fé, onde há serviços e lugares públicos utilitários como também simbologias e representações do sagrado que é produzido no espaço comum, que podemos caracterizá-lo como profano. A partir deste contexto, o espaço invadido, “profano”, começa a apresentar-se no sagrado impondo sua presença, ilustrado no esquema a seguir.

---

<sup>2</sup> Denominamos aqui de fixos os moradores da cidade, e de temporários os romeiros que visitam a cidade nos meses de maio, setembro e novembro, onde ocorrem as principais festividades religiosas de Santa Cruz dos Milagres.

GRÁFICO 3 – Espacialização do sagrado e do profano em Santa Cruz dos Milagres-PI



Fonte: Oliveira (2010).

A materialização do sagrado que se inicia com o milagre e através do templo se cristaliza na cidade de Santa Cruz dos Milagres faz surgir toda uma rede de produções e ações sociais, estabelecendo serviços, formas espaciais que se inter-relacionam e resultam na formação e desenvolvimento da cidade, que em 18 anos de emancipação política transformou o seu espaço através da religiosidade popular das manifestações religiosas, composta por pessoas vindas do interior do Piauí, estados vizinhos e de lugares distantes. Assim, o seu espaço urbano vai sendo modelado e remodelado progressivamente, criando símbolos e representações, ligadas ao sagrado e ao profano, todos inter-relacionados com a religiosidade.

### 3.2 Práticas culturais relacionadas ao sagrado em Santa Cruz dos Milagres

Para descrevermos as práticas culturais no espaço urbano de Santa Cruz dos Milagres, faz-se necessário primeiramente entender o que é cultura. A origem da palavra vem do latim *colere* (ocupar a terra), também é empregada em vários sentidos, como por exemplo, na adoração de deuses ancestrais em cerimônias religiosas. Com o tempo, a palavra ganhou outros sentidos, chegando a significar a condição de alguém que possui conhecimento, e a cultura se apresentaria através da linguagem, regimes, organizações e religiosidade, dando aos povos identidade e ao espaço uma unidade, na qual, através da cultura, poderíamos

compreender a organização espacial e as divisões físicas e simbólicas do espaço. Como nos aponta Laraia (2009, p. 25).

No final do século XVII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. [...] “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Observa-se que a ideia de cultura vem ao longo do tempo adaptando-se à evolução social, fazendo da cultura algo vital para a organização espacial, trazendo consigo grandes marcas, pois se expressa nos seus agentes de forma explícita: em suas vestimentas, através da linguagem, na alimentação, em rituais, etc., ações que se diferenciam em cada região, revelando descontinuidades, tornando-se necessário procedimentos para sua identificação e compreensão para conferir o seu foco inicial, o seu núcleo, o seu domínio, para, a partir desse contexto, construir um entendimento do fenômeno cultural produtor de uma determinada região (CORRÊA, 2008).

Santa Cruz dos Milagres enquadra-se nesse contexto, pois, produzida pela cultura da religiosidade católica, desenvolveu traços culturais e identidades que foram se constituindo durante anos, resultando em práticas culturais que são expressas no espaço geográfico da cidade.

A organização de Santa Cruz dos Milagres é caracterizada pela religiosidade católica, que forneceu identidade cultural através de suas representações, materiais e imateriais, e que, unidas, formarão uma nova paisagem cultural, resultado da apropriação, vivência e disputa de seus agentes sociais. Esta paisagem se formou dotada de significados místicos e da comunicação entre os participantes e organizadores dos eventos de manifestação do sagrado, em que a Igreja exerce a função de elo entre a salvação e o devoto.

É inevitável, no processo de formação de um lugar sagrado, a apropriação de políticas culturais que visem à manutenção da cultura. Em Santa Cruz dos Milagres, essa política cultural é articulada pelo poder público municipal, é orientada pela Igreja, com a finalidade de manter a hegemonia da religiosidade católica sobre a cidade.

A igreja através de sua arquidiocese de Teresina, sob a qual está a coordenação desta Paróquia, colocou no seu calendário religioso o encontro dos santos (criado pelo Pe.

David, através da chamada do Povo, para trazerem suas imagens para serem benzidas pela igreja), pois desta forma integra o santuário de Santa Cruz as demais paróquias e santuários do Piauí (Pe. Francinilson)<sup>3</sup>.

Nesse contexto é válido acentuar as ideias de Corrêa (2008), ao esclarecer que estas ações, adotadas em Santa Cruz dos Milagres, contribuam para a proliferação e manutenção da religiosidade católica no Estado do Piauí, construindo, na mente dos devotos, a concepção de lugar da fé na cidade, a partir de estratégias políticas planejadas. Nesse aspecto, a produção do lugar sagrado de Santa Cruz dos Milagres foi iniciada pela necessidade que seus agentes tiveram em dar sentido a sua existência e, a partir dessa necessidade, criou-se uma paisagem religiosa, através da divindade atribuída à cruz de madeira. Segundo Eliade (2010), o sagrado pode manifestar-se em qualquer objeto do mundo natural, profano, mas representa uma realidade que não pertence a ele, e dá um novo sentido a quem nela crer. Essa hierofania pode ser considerada o primeiro símbolo fixo. Deste fato em diante, o povoamento da cidade descortinou-se atrelado ao mundo cósmico da fé católica, cristalizando a cidade como um lugar sagrado.

Este eclipse entre lugar e religiosidade proporcionou a difusão da cultura da fé, criando um mundo cósmico nos moradores fixos como também nos seus migrantes, através de costumes, dos rituais e da adoração de imagens. Nesse entendimento, a fé é expressa com maior transparência nos romeiros que reorganizam o lugar por um determinado período, acomodando-se na cidade de acordo com suas condições sociais e culturais comprovadas nas suas vestes, nas formas de agradecer o milagre alcançado, e até mesmo no nome dos filhos, dos parentes e de pessoas próximas que, em momentos de aflição, misticamente foram agraciados pela Santa Cruz, cabendo a eles agradecerem-na da forma mais conveniente.

O nome de minha filha é Maria da Cruz, *pro mode* a complicação na hora de nascer, me apeguei com a Santa Cruz e a menina nasceu viva e boa. (Devota 2)

A ligação que se cria no mundo cósmico de Santa Cruz dos Milagres entre os devotos e a Santa é mística e fiel, fazendo com que os seus crédulos criem rotinas de preces como também de peregrinação à cidade, uma forma de estarem sempre agraciados pela divindade da Santa e mais perto da salvação, rituais transmitidos de geração a geração, criando o processo da cultura que fomentou a disseminação de fenômenos, como a religiosidade católica que os produziu, reproduziu e construiu em Santa Cruz dos Milagres a

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida em 12/09/10.

cidade da fé, onde a complexidade de costumes e desejos humanos se entrelaçam e se expressam, com um diferencial: a religiosidade católica, que mantém sua hegemonia, cristalizando-se na maioria das atividades culturais, as quais representam o calendário de festas religiosas da cidade.

As festas produzidas na cidade de Santa Cruz são uma necessidade, visto que a sociedade tem de se confraternizar e demonstrar publicamente a fé, recordando momentos distantes ou vivos no presente dos que participam, valendo ressaltar que a maneira de vivência desse fenômeno pode ser expressa de forma distinta, cada um busca o significado para estar ali de uma forma diferente, seja através de festas folclóricas, rítmicas ou religiosas como a de Santa Cruz.

[...] a festa se caracteriza por seu significado próprio, mesmo que esteja comemorando a mesma data festiva ou participando do mesmo ritual. A forma como cada um vive a festa é única e pessoal, buscando-se o rompimento da “normalidade” do cotidiano onde iguais e diferentes, irmanados ou em conflitos, quer a festa [...] (BRANDÃO, 1989, p. 17) .

Embora todos estejam na cidade de Santa Cruz, no mesmo período, movidos por um objetivo em comum, ou seja, a religiosidade, é fácil observar a maneira distinta através da qual cada um se apresenta, acomoda-se e agradece por seus milagres alcançados ou louva a Deus e à Santa Cruz, criando o *habitus*, que se transforma em cultura para os frequentadores da cidade. O *habitus* é como um sistema social que se representa no espaço através de seus viventes, criando estilos de vida no campo simbólico onde ocorrem as manifestações e produções de um determinado grupo. No *habitus* está inserida a estrutura do sistema de imposições e disposições sociais que fundamentam as estruturas das diferenças, dando aos agentes um gosto específico, que está associado às condições objetivas de sua existência, Desse modo, através da interação espaço, agentes e *habitus* ocorre a apreensão dos símbolos que estão esquematizados dentro das redes sociais que servem para a percepção do *habitus* de um determinado grupo.

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983b, p. 65).

O *habitus* produz esquemas e simbologias e costumes na cidade de Santa Cruz dos Milagres, pois alguns devotos ocupam locais apropriados, outros, barracas sem condições básicas, outro usam véstias apropriadas para pagar suas promessas, ou levando membros do corpo esculpidos em madeira, a que chamamos de ex-votos, os quais podem ser considerados as mais importantes e autênticas documentações das mentalidades populares, desde o neolítico aos dias atuais, conforme leciona Cascudo (1974), mas, todos levados por seu *habitus* que está ligado diretamente aos modos de vida do grupo social que vive ou frequenta a cidade.

O mais importante diante das inúmeras manifestações é que todos festejam a Santa Cruz, agradecendo milagres alcançados e pedindo novos, processo que dá continuidade às festas religiosas na cidade, que aglomera populares, produzindo uma festividade movida pela fé, criada no mundo cósmico dos viventes, voltada para a súplica, para os pedidos e homenagens, através de rituais, os quais, segundo Damatta (1998), podem ser considerados incompreensíveis.

Esses rituais ligados à cultura da religiosidade produzem na cidade de Santa Cruz dos Milagres processos bastante relevantes, que vão desde as manifestações de fé até a produção e a reprodução da cidade, criando símbolos e formas geográficas, que representam as manifestações das pessoas que ali expressaram sua ideologia, desejos e anseios de consciente “salvação” e até mesmo os inconscientes, como os “profanos”.

Segundo Damatta (1998), ao cessarem as manifestações de fé comandadas pela Igreja, descortinam-se outras manifestações secundárias, que são representadas pelas festividades profanas que acontecem em bares, clubes, restaurantes que, de forma racional, ajudam a esquecer os problemas de várias ordens (AMARAL, 1998), contribuindo assim para formar o lugar sagrado em Santa Cruz dos Milagres.

FOTO 4 – Restaurante na subida da escadaria da igreja de Santa Cruz dos Milagres



Fonte: Oliveira (2010).

Locais como restaurantes e lanchonetes são importantes para dar suporte à cidade, visto que os devotos necessitam de infraestrutura para estar ali, pois a força atrativa do sagrado não sobreviveria sem essas manifestações do profano que vão proporcionar apoio para a permanência dos que lá frequentam, suprimindo os desejos do corpo e contribuindo para a criação de novas formas espaciais que alimentam a economia e dão sustentabilidade ao lugar sagrado, que, mesmo possuindo outras atratividades, não deixa de ser um local místico, onde as pessoas vão movidas exclusivamente pela fé, só compreensível através do olhar sobre o cotidiano dessas pessoas, em que a maioria não tem grandes destaques sociais, são socialmente excluídos, todavia, ao chegarem ali se sentem iguais, não de modo social, mas perante os milagres da Santa, como o relato da devota abaixo.

Eu vim do interior de Arozazes com muitas *dificuldade* pra chegar aqui, quando nós chega, não me sinto menos vista pela *Madinha* Santa Cruz, ela não separa rico e pobres, *semos* todos iguais e temos os mesmo direitos defronte ela (Dona Santa 3, em 13 de setembro de 2010).

É visível a proximidade do devoto com a Santa, pois, ao chegar ao santuário, ele se encontra amparado por aquilo em que acredita e tem fé, sentindo-se igual aos demais, visto que a festa religiosa é uma expressão de comunhão com o sagrado, pois nela se celebra alguma expressão hierofânica, cósmica, histórica, ou ainda pessoal (CROATTO, 2001). A festa é aberta e todos se confraternizam aparentemente de uma mesma forma, pois ali

vivenciam e trocam ideias parecidas, criam identidades com aquelas realidades expostas, mostrando que a festa da Santa Cruz é uma manifestação coletiva, e a parte formada pelos romeiros ou moradores fixos é maior que o todo. Nesse sentido, a festa se movimenta em busca do não racional “sagrado”, conforme assevera Damatta (1998).

As festas representam momentos de confraternização e agradecimento. As realizadas em Santa Cruz dos Milagres reúnem a vontade dos fiéis como também da Igreja Católica em manter o controle do espaço sagrado, bem como as paróquias do Estado, que estão organizadas em dioceses e arquidioceses, com o objetivo de dar sustentabilidade aos lugares sagrados comandados pela igreja católica. Nesse aspecto, manifestam a organização da Igreja em prol da manutenção de sua hegemonia no estado do Piauí.

### 3.2.1 A manifestação do sagrado através das festas religiosas em Santa Cruz dos Milagres

As festas religiosas são marcantes, pois cristalizam ao longo de sua evolução lugares voltados para essas comemorações. Tais manifestações representam a busca pela existência do próprio homem, as religiosas contribuem para produzir histórias e lugares, tornando o cotidiano brasileiro repleto de significações religiosas, ou seja, em cada cidade existe uma igreja com um santo padroeiro que possui no calendário uma data específica para festejá-lo, nascendo assim os festejos de cada lugar.

Na festa, reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da Vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. No resto do tempo, há sempre o risco de esquecer o que é fundamental: que a existência não é “dada” por aquilo que os modernos chamam de “Natureza”, mas é uma criação dos *Outros*, os deuses ou os Seres semidivinos. Nas festas, ao contrário, reencontra-se a dimensão sagrada da existência, ao se aprender novamente como os deuses ou os Antepassados míticos criaram o homem e lhe ensinaram os diversos comportamentos sociais e os trabalhos práticos (ELIADE, 2010, p. 80).

Mas o quem vem a ser uma festa? Conforme a etimologia da palavra, a palavra festa vem do latim e significa: reunião alegre para fim de divertimento; o conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento; solenidade, comemoração; dia santificado, de descanso, comemoração litúrgica, solenidade da Igreja; romaria; regozijo, alegria, júbilo. Como se pode observar, o significado da palavra está diretamente ligado à Igreja e à religião. Alguns historiadores como Coulanges (1976) reforçam a ideia de que as festas foram criadas pelas sociedades antigas para adorar seus deuses na tentativa da busca da salvação, destinavam parte de seu tempo para a espiritualidade.

Em todos os tempos e em todas as sociedades, quis o homem honrar os seus deuses com festas; estabeleceu assim, dias durante os quais apenas o sentimento religioso reinará em sua alma, sem distraí-la com pensamentos ou ocupações terrenas [...] tudo enquanto era sagrado dava lugar a uma festa (COULANGES, 1976, p. 127).

Em Santa Cruz dos Milagres, diferentemente de algumas cidades piauienses, não foi necessária uma produção para se organizar as festas sagradas culturais, pois a cidade surgiu em função da religiosidade católica representada pelo mito da Santa de madeira, restando à igreja apenas estruturar e conservar o espírito de religiosidade daquele lugar.

As festas são criadas pelos homens levados pela busca do desconhecido, da “salvação” para adorar seus deuses. A partir desse momento, eles criam simbologias às quais se apegam para superar os seus problemas cotidianos e demonstrar sua fé. Como momentos de confraternização, as festas proporcionam ao homem uma aproximação entre o mundo real e o mundo imaginário “cósmico”, transcendendo as barreiras físicas e os aproximando do que ele considera divino, produzindo um momento para festejar os seus deuses, santos, para que eles se fortaleçam a fé, desligando-se dos problemas terrenos, ganhando forças para o contínuo da vida. Tal vivência foi experimentada por seus antepassados e repassada a ele na atualidade, tornando-se vital para a sua manutenção.

Com efeito, isso pode ser identificado nos relatos de devotos que participam das festas no santuário de Santa Cruz dos Milagres.

Eu comecei a andar em Santa Cruz desde menina há uns 80 anos atrás, saía de casa eu, minha mãe, meu pai e minha irmã Elmira, morávamos nas quitaras, muitas léguas de Santa Cruz, um interior no meio do mato, saíamos de madrugada, *infrentava* chuva grande, passávamos o riacho cheio em uma canoa, mas ao chegar lá esquecíamos de todo o sacrifício para chegar (Dona Flora, 92 anos)<sup>4</sup>.

Observa-se que a devota, ao chegar ao santuário de Santa Cruz, desprendia-se de suas dificuldades rotineiras para se ligar ao mundo cósmico da fé, que envolve o espaço, contribuindo para aliviar-se de suas tormentas, como também para a manutenção da religiosidade católica do lugar, mantida pelas festas, as quais proporcionam trocas de experiências coletivas e, posteriormente, a produção de uma territorialidade festiva. Segundo Rosendahl (2005), esta territorialidade se expressa nas simbologias, nas paisagens, nos fluxos das pessoas pelas ruas, alterando consideravelmente o cotidiano do lugar.

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 13 de setembro de 2010.

Agora, meu filho, você imagine uma cidade de mais de 3 mil habitantes, contando com a zona urbana e rural, acomodar em um único dia mais de 50 mil pessoas, como o que ocorre aqui na festa do encontro dos santos no mês de novembro, a cidade não suporta, ficam pessoas por todos os lados, falta água até para vender. (Pe. Francinilson, 2010)<sup>5</sup>.

Ainda que a falta de infraestrutura em Santa Cruz dos Milagres, como pousadas de pequeno porte, restaurantes mal equipados, sistema de distribuição de água e esgotos e energia ruins que, nos momentos de festas oscilam e chegam a deixar a multidão no escuro e sem água para necessidades básicas, não impede a ida dos romeiros em busca do lugar sagrado, pois o que os levam a este lugar sagrado é a sua essência, o misticismo que ele representa, fazendo com que os que lá estão abdicuem de coisas materiais por alguns momentos em busca do que eles verdadeiramente acreditam.

E com isso eles constroem em Santa Cruz um mundo cósmico, e criam identidades que se expressam nos símbolos que lá existem, e só existem devido a esses momentos festivos que impulsionam e mostram o poder de atratividade que um fenômeno religioso pode promover entre festa, religiosidade e coletividade, resultando na formação de um momento, o da “celebração”, que produz um recorte no tempo e no espaço voltado para festejar o seu Santo.

E assim dão origem a identidades, promovendo a cultura do lugar, que fundamenta novas festas em um outro tempo, o tempo “futuro”, que dá aos devotos a sensação de continuidade, de perpetuação, como forma de conduzir as ações de seus pais, tios avós. Um novo tempo remodelado pela pós-modernidade, que não perdeu a sua identidade simbólica religiosa e construiu uma identidade.

Decerto que nos momentos de festividade em Santa Cruz dos Milagres ocorre uma (re)significação de sentido, pois os fiéis, levados pela cultura da religiosidade popular de seus pais, veem naquele espaço não somente *locus* para aliviar-se das tensões cotidianas, mas também para ter uma maior proximidade com o mundo sagrado, e ainda, para dar continuidade a sua fé, impregnada na sua vivência por aqueles que construíram a sua história de vida. Processo que está intrinsecamente ligado à cultura como fator determinante para que fosse transmitida de geração a geração a importância da Santa para a cidade, regulando as festividades organizadas em momentos distintos e representativos da cultura local, “religiosidade católica”, permitindo assim a existência de três momentos festivos distintos: a

---

<sup>5</sup> Padre de Santa Cruz dos Milagres, em entrevista concedida em 10 de setembro de 2010.

Invenção da Santa Cruz, a Exaltação da Santa Cruz, e o Encontro dos Santos, construindo a tríade festiva de um ciclo de atividades culturais religiosas na cidade e, ao mesmo tempo, de manutenção da hegemonia católica sobre os que participam do fenômeno.

### 3.2.2 A Invenção da Santa Cruz

Segundo a historicidade cristã, durante anos os cristãos foram perseguidos pelos romanos durante a gestão do imperador Nero. Tais perseguições só cessaram após a destruição de Jerusalém. Esse período histórico proporcionou a quebra do cristianismo, e, durante todo esse tempo, as maiores preciosidades do cristianismo ficaram ocultas em lugares conhecidos apenas pelos cristãos. Constantino no Édito, de Milão, declarou o cristianismo uma religião a ser tolerada e libertou todos os prisioneiros religiosos, o que resultou no batismo de sua mãe Helena, aos 63 anos de idade. Com a unificação dos Impérios do Oriente e do Ocidente, Helena fez uma peregrinação à Terra Santa, descobrindo que, em Jerusalém, o Imperador Adriano havia construído um templo a Afrodite sobre o Calvário e o Santo Sepulcro. Helena ordenou a remoção do templo pagão e supervisionou a construção de uma igreja – a Igreja do Santo Sepulcro.

Durante a construção da Igreja, Santa Helena teve um sonho no qual a Cruz do Senhor era descoberta. Posteriormente, orientou as escavações que descobriu três cruzes em uma cisterna a leste do Monte Calvário, no dia 3 de maio de 326, na construção da Igreja do Santo Sepulcro. Para descobrir qual delas era a cruz de Cristo, tocaram as duas cruzes em uma mulher muito doente, não observando efeito algum, no entanto, a terceira cruz curou a mulher imediatamente. Desse modo foi identificada a Cruz de Cristo, criando toda a ideologia de adoração da cruz mantida até hoje pela igreja católica.

Santa Cruz dos Milagres é um lugar propício para esta prática religiosa, pois a mistificação gira em torno de uma cruz fincada no chão por um vaqueiro, criando toda a religiosidade popular na cidade, como também um *locus* para a explicitação de fé, através da adoração da cruz, símbolo de Jesus Cristo.

Este contexto religioso católico surge, sem data precisa, na cidade de Santa Cruz dos Milagres, tendo sua continuidade através da ação litúrgica do Pe. David, então representante da Igreja na cidade. A história que envolve a Santa Cruz está envolta em um ritual autêntico e diferente do que é realizado em outras cidades sagradas do Brasil, pois se

expressa na forma de penitência, na qual as pessoas reúnem-se fora da Igreja, em razão da incapacidade de acomodar todos em sua parte interna, ajoelham-se e beijam o chão 100 (cem) vezes, acompanhados de 100 (cem) Ave-Marias.

O ritual tem início no dia 2 de maio, à noite, com a saída de uma procissão que tem como ponto de partida o olho d'água, que é outra forma simbólica que consta no mito de surgimento da cidade. Os fiéis e não fiéis seguem rumo ao alto onde se localiza a Igreja, representando o cume da fé. Posteriormente, acontece uma missa onde os fiéis rezam 100 (cem) Ave-Marias na intenção de se preparar para o ritual do dia seguinte, de modo que só poderá participar do ritual durante o dia quem se preparou na noite anterior rezando as Ave-Marias.

O ritual do dia três começa logo cedo, às 6h da manhã. As pessoas que se prepararam na noite anterior reúnem-se na parte externa da igreja e começam a rezar ajoelhadas, e beijam o chão seguido de Ave-Maria e da invenção da Santa Cruz.

Nos Campos de Caifás, com o inimigo da cruz encontrarás, arreda e afasta-te Satanás. Tu comigo não tens conta, deixa minha alma passar em paz! Porque no dia da Invenção de Santa Cruz, cem vezes me persignei. Pelo sinal da Santa Cruz, livrenos Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos, cem Ave-Marias rezei, cem na véspera e cem no dia. Me recomendo a Deus e a Virgem Maria. Cem vezes o cão arreneguei: arrenego de ti Satanás: Ave Maria cheia de Graça [...]<sup>6</sup>.

Esse ritual expressa a busca do milagre ou o seu pagamento, pelos fiéis que participam do ritual, todos movidos pela fé e pela confiança que depositam na Santa Cruz, fazendo daquele momento de coletividade algo transcendental e imaginário, construindo um espaço repleto de misticismo, transformando essa manifestação religiosa em algo único, que para eles representa um lugar sagrado, ou seja, a comunicação com o céu (ELIADE, 2010), onde a coletividade e a fé caminham no mesmo sentido para conduzir um povo, que nem sequer conhece a origem desse ritual, mas agregaram essa prática ao seu cotidiano, dando continuidade à religiosidade católica vivida por seus pais, e hoje por eles e, provavelmente, amanhã por seus filhos, e dessa forma, proporcionar uma linearidade de ações movidas pela fé, que movimentam a produção e reprodução da tríade religiosa da cidade de Santa Cruz dos Milagres.

---

<sup>6</sup> Oração fornecida pelo padre Francinilson em 10/09/10, que não informou a sua autoria.

### 3.2.3 Exaltação da Santa Cruz

A exaltação da Santa Cruz é o contínuo da tríade das manifestações religiosas de Santa Cruz dos Milagres, ocorre no período de 5 a 14 de setembro, ocasião em que a cidade se transforma completamente para receber seus devotos, romeiros, fiéis, principalmente, se o último dia 14 cair em um fim de semana, possibilitando a migração deles para o santuário. Segundo o Pe. Francinilson, a cidade se torna algo desconhecido, ao receber cerca de 50 mil pessoas, praticamente sem nenhuma infraestrutura que possa acomodar com conforto essa gente, mas que é organizada pela igreja e pelos fiéis com fé e devoção desde o calendário, os cânticos, as novenas, leilões e procissões. Conforme ilustra a imagem abaixo.

FOTO 5 – Primeiro missário após a emancipação da cidade acervo de Maria da Cruz Soares



Na verdade, é possível perceber que o desconforto é, para o devoto, algo que faz parte de sua peregrinação. Mesmo em períodos em que não há muita movimentação na cidade, eles acomodam-se em lugares impróprios como forma de tornar maior o seu sacrifício, e assim sentir-se totalmente em paz com a Santa pelo milagre alcançado.

Meu filho, dormir *dibaixo* dessa barraca, cozinhar na lenha, nem paga o milagre alcançado por mim, que tive à *bera* da morte e a madrinha Santa Cruz me salvou, entonce, tudo que eu fizer para mim ainda é pouco para agradecer a ela (Dona Maria de Jesus , em 13 de setembro de 2010).

Durante o pagamento das penitências, é comum ver o sofrimento, a automutilação, no período das festas na cidade como: subir de joelhos a escadaria da igreja, subir com pedras imensas na cabeça, passar o dia em jejum rezando na igreja, atos que transformam os lugares de fé em palco propício para serem desenvolvidas ações de misticidade que fogem às explicações científicas, mas alimentam e dão continuidade aos espaços de fé, como o de Santa Cruz, que revela íntima relação entre o povo e o mundo cósmico que ali se criou, o mundo da santificação, do sacrifício, da aproximação com o que ele até mesmo desconhece. Como no relato desta senhora.

Eu não sei o tamanho do poder da Santa, o que a envolve, só sei que muitas graças já alcancei quando me apeguei com ela, me *alembro* que nasceu um monte de berruga nas minhas mãos, e minha mãe me mandou fazer uma promessa para a Santa Cruz que eu ia passar as mãos nas paredes da igreja e ia ficar boa, e duma hora para outra todas as berrugas desapareceram, eu acredito no poder dela mesmo sem saber o tamanho (Dona Flora Lopes – 92 anos)<sup>7</sup>.

Olhar esse mundo cósmico de fora é descortinar crenças, valores impregnados nas vidas dessas pessoas que nem sequer conhecem a essência do fenômeno no qual estão envolvidas, mas acreditam nele, ou querem acreditar para não desapontar seus entes queridos (pais, mães) ou até mesmo a si próprio, visto que buscam na religião a fuga para seu desamparo social, assim entende Freud (1927/1976), fazendo da religiosidade algo sem explicação e ao mesmo tempo vital para a sua sobrevivência.

É nessa diversidade de fatos, mundos, valores que a cidade de Santa Cruz dos Milagres estabeleceu-se como lugar sagrado, atraindo milhares de fiéis católicos, fazendo desses momentos algo ímpar em suas vidas, de forma a contribuir para a sua produção e reprodução. A exaltação da Santa Cruz é pensada meticulosamente para atrair os moradores da cidade como também peregrinos, devotos, romeiros, dentre outros. Sob esse aspecto, é visível quando se olha o espaço de modo particular e percebe-se que, todo dia, a missa possui um tema direcionado ora para o vaqueiro, ora para o idoso, ora para casais ou ainda para a juventude.

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida em 13 de setembro de 2010.

Toda a programação está voltada para a organização do período religioso e para dar continuidade ao poder de aglomeração da religiosidade popular católica, da qual a igreja se apropria e a transforma em instrumento de propagação de sua doutrina. Esse gesto pretende mostrar aos que produzem estes lugares a importância que lhe é dada, por isso prontifica-se a enviar representantes como: arcebispo, padres, dentre outros, para os lugares de grande aglomeração e propagação de fé, a exemplo de Santa Cruz dos Milagres. A imagem abaixo atesta esta afirmação.

FOTO 6 – Missa celebrada pelo Arcebispo Dom Celso em Santa Cruz dos Milagres



Fonte: Oliveira (2010).

A exaltação da Santa Cruz é considerada pela Igreja como uma das maiores festas do Piauí, é a maior dentro as que integram a tríade festiva de Santa Cruz dos Milagres. Tendo em vista as melhorias de infraestrutura de acesso à cidade, há um fluxo migratório pendular durante a semana, culminado na maior concentração no último dia de festa, onde se misturam romeiros em busca de pagar seus milagres e outros para realizar casamentos, batizados, etc.

A paróquia organizou-se de modo a separar quatro dias para batismos e casamentos, para poder diminuir o fluxo na igreja nesta data específica, principalmente devido à impossibilidade de um único padre acompanhar e atender a demanda de fiéis que se aglomeram na igreja no último dia do festejo.

A cidade não suporta a quantidade de pessoas que se aglomeram nos últimos dias de festejos, principalmente nos fins de semana, são romeiros por todos os lados, sem lugar para tomarem banho, alimentar-se, visto que a cidade não possui bons restaurantes, até mesmo o espaço da igreja é insuficiente para acomodar os fiéis (Pe. Francinilson, 2010)<sup>8</sup>.

Conforme o relato do Padre Francinilson, mesmo com toda a infraestrutura fornecida pelos gestores públicos como asfalto, casa para romeiros, melhorias nos sistemas de água e energia, a cidade ainda não apresenta condições suficientes para receber os romeiros, visto que o número de pessoas multiplica-se consideravelmente, tornando o espaço urbano de Santa Cruz intransitável durante as festividades, o que torna a cidade um caos em vários aspectos, dificultando o acesso ao santuário.

No entanto, os fiéis são resistentes a todas as dificuldades, e partem para buscar o milagre ou agradecer por ele, acomodando-se de qualquer jeito, pois não estão lá atrás de conforto, mas de penitência. De um jeito ou de outro, o sofrimento faz parte da promessa à Santa Cruz.

FOTO 7 – Alojamento em barracas improvisadas no alto da Igreja



Fonte: Oliveira (2010).

Mesmo em períodos de pouca movimentação ao santuário, as pessoas acomodam-se em barracas improvisadas, sem nenhuma condição humana de habitação, ao relento,

---

<sup>8</sup> Padre da Paróquia de Santa Cruz dos Milagres em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2010.

mesmo havendo vagas nas hospedarias públicas e na igreja. Para os devotos, pagar promessa ou pecado é sofrer e, nesse sentido, mostram-se aptos a qualquer provação em favor do agradecimento pelo milagre alcançado.

Meu filho, um dia eu vinha subindo a escadaria da igreja e encontro um senhora bem de idade subindo de joelho a escadaria, e eu como padre me ofereci para amenizar seu sacrifício, dando-lhe outra penitência, ela virou para mim e disse, essa promessa só tem sentido se for paga como sacrifício e do modo que eu prometi a Santa Cruz (Pe. Francinilson, 2010).

Pagar promessas para esta devota é algo místico, está contido no seu cotidiano através do tempo e do espaço, conforme ensina Durkheim (2001), algo transmitido de geração a geração, sofrendo pequenas reformulações e interpretações, no entanto, sem perder a essência da fé e do sofrimento por uma graça alcançada. Muitos deles associam o seu sofrimento ao de Jesus Cristo, fazendo do lugar sagrado um *locus* de absoluta importância e respeito, pois nele é que se dá o elo entre o mundo comum e o mundo cósmico, ou seja, entre o pecado e a salvação.

Essas manifestações de fé são apenas representações de desejos dos seres humanos, que agregam valores aos santos mais próximos de sua sobrevivência, para aproximar-se com o poder maior, o do Senhor Jesus Cristo, constituindo assim uma hierarquia de poderes dentro desse espaço cósmico desconhecido

#### 3.2.4 Encontro dos Santos

O Encontro dos Santos é a última das manifestações culturais da tríade religiosa que ocorre no santuário de Santa Cruz dos Milagres, e que contribui para a continuidade das práticas religiosas na cidade, resultando na produção do lugar sagrado e do sacro com seus fixos e fluxos que interligam suas formas e funções controladas pelos seus agentes (ROSENDAHL, 2007), ou seja, “a igreja”, que cria ramificações que se interligam e produzem um lugar repleto de significações para os seus viventes.

Para os atores sociais da cidade da fé de Santa Cruz, esse momento é único, pois reúne as mais variadas paróquias, que influenciam seus párocos a se unirem nesse momento de fé que transforma significativamente o espaço social da cidade, visto que aglomera aproximadamente em torno de 30 mil pessoas de diversos municípios do Estado, reforçando o

poder agregador do catolicismo popular e a fé dos que lá se unem para confraternizar suas esperanças e atos comuns.

O encontro dos Santos foi criado pelo Pe. David, que era padre da Paróquia de São Felix, da qual faziam parte o povoado de Buriti, Baixa Grande, Prata do Piauí, e Santa Cruz dos Milagres, que trouxe a Santa Cruz aos padroeiros de suas paróquia, que sugeriram que levassem seus santos de cada lugar, e o encontro tomou uma dimensão maior, hoje agregando várias dioceses e paróquias (Pe. Francinilson, 2010).

Convém observar que o encontro surge através da ação do Pe. David, todavia, é apropriado pela administração da igreja, resultando na unificação das dioceses e arquidiocese, ramificando e disseminando a religiosidade católica, visto que o dia do encontro é considerado flexível, acontecia no último domingo de outubro, objetivando uma maior aglomeração de fiéis, posteriormente foi mudado para o primeiro domingo de novembro, e recentemente, segundo o Pe. Francinilson:

No ano de 2010 o encontro será no primeiro final de semana após o dia de finados, devido às eleições, para que não tenhamos problemas em fazer mudanças depois, achamos por bem fazer essa mudança de data, para uma melhor organização. Ressalvo que toda essa mudança é feita junto com nossos fiéis durante nossas festas (Pe. Francinilson, 2010).

A organização administrativa da igreja bem como a influência dos fiéis é decisiva para a produção das festas no santuário, porquanto são peças chaves para que venham a ocorrer, construindo uma relação íntima e vital entre fiéis, igreja e o mundo cósmico do sagrado. Nesse sentido, acontece um fato intrigante que aparentemente serve para manter o contínuo da festa: a associação do encontro, que surge de forma espontânea, através do Pe. David, para confraternizar as paróquias, e que hoje toma uma dimensão distinta da original, pois está associado a um pedido de inverno<sup>9</sup> mais chuvoso, reforçando a fé utilizada pelos nordestinos para enfrentar seus problemas cotidianos.

---

<sup>9</sup> O inverno par ao nordestino é o período de chuva não estando associado as estações do ano.

FOTO 8 – Multidão dirigindo-se à Igreja Matriz no domingo do Encontro dos Santos



Fonte: Oliveira (2010).

O desenvolvimento do encontro tem início na sexta-feira. Os ambulantes começam a apropriar-se da cidade. No sábado, percebe-se o poder de transformação do sagrado, pois a cidade sofre grandes alterações na sua rotina. Centenas de pessoas abrigam-se em pousadas, alojamentos públicos ou em barracas improvisadas, numa mistura de fé, comércio e cultura. No domingo, a cidade amanhece totalmente (re)produzida, as ruas tomadas por carros, ônibus, pessoas por todos os lados, as comunidades segregadas através de seus padroeiros, mas unidas pela fé, por isso elas os acompanham, porque creem neles, que as levam à cidade da fé em busca de dias melhores, movidas pelo poder de condicionamento que a cultura tem sobre aqueles que estão inseridos em um determinado meio. Como pode ser visto através das fotos a seguir:

FOTO 09– Romeiros alojados em barracas improvisadas



Autor: Oliveira (2010).

A cidade fica totalmente transformada, não se consegue mais reconhecer as ruas pacatas e desertas, pois estão totalmente ocupadas por mais de 30 mil pessoas, que disputam o espaço e a promessa de dias melhores. Acompanhadas por seus santos, elas se reúnem na frente da fazenda da Santa Cruz e, ao comando dos representantes da Igreja, são anunciadas perante todos, pelo nome do padroeiro e a cidade da qual vieram.

FOTO 10 – Fazenda da Santa Cruz em dia sem evento religioso



Fonte: Oliveira (2010).

FOTO 13 – Fazenda da Santa Cruz no Encontro dos Santos



Fonte: Oliveira (2010).

Após este momento de concentração, todos se posicionam em direção à igreja matriz, no alto, e seguem em romaria, de forma lenta, transformando um curto percurso em

algo de grande distância, em razão da multidão que lá se encontra, mas é visível a satisfação dos romeiros em estar ali, despindo-se de todos os outros prazeres em benefício da fé, fazendo o tempo cronológico desaparecer e dar origem ao tempo sagrado, apropriador de lugares e de ações destes povos que fazem da fé algo que nem eles mesmos conseguem explicar.

Quando aqui chegamos movidos pela nossa fé e acompanhados pelos nossos padroeiros, não vemos o tempo passar, não sentimos o calor, só sentimos a vontade de estar aqui rezando e pedindo dias melhores, aqui sentimos a paz (Devota 05, 2010).

A fé transcende todos os problemas que possam existir para estes fiéis. O que realmente importa é estar ali, naquele momento único, dando continuidade a sua cultura da religiosidade, e conservando aquele lugar como algo divino, místico. Esse sentimento de bem-estar permite o contínuo do encontro, fazendo com que as horas difíceis para se chegar ao alto da igreja sejam compensadas, quando acontece a apoteose do momento no qual todos os santos são posicionados em frente à igreja, para o acontecimento da missa, em que posteriormente serão abençoados, juntamente com os santos particulares que muitos levam em suas bolsas e bolsos.

Encerrado o momento de cultivação da fé, os outros desejos humanos explicitam a impossibilidade de separação do sagrado e do profano, pois a movimentação da cidade direciona-se para os bares, restaurantes, churrascarias, barracas nas margens do rio São Nicolau, e muitos lá perdem também o tempo cronológico, em função de uma nova atratividade, a profana. No entanto, convém destacar que nem todos por lá perdem a noção de tempo, visto que são milhares de pessoas que se apropriaram da cidade que não oferece infraestrutura para todos. Às 16 horas, ocorre uma nova chamada do sagrado impondo a sua supremacia sobre o profano, para um novo encontro no adro da igreja, onde acontecerá a missa de despedida dos santos e o retorno dos romeiros às suas cidades de origem.

FOTO 12 – Missa às 6 h da manhã no adro da Igreja Matriz



Fonte: Oliveira (2011).

É nesse momento de despedida que se observa a importância das festas para as pessoas que ali se encontram com um objetivo primaz, a fé. É quando eles vivem a experiência de um momento inexplicável, criado pelo imaginário que somente eles, os devotos, conseguem sentir e expor na sua coloquialidade. Sofridas ou não, somente elas sabem o que realmente as levam ali a cada ano. É nessa interface do sagrado e do lugar que a cidade de Santa Cruz tem vivido constantes mudanças voltadas para atender ao fenômeno da religiosidade, que produziu esta localidade em sintonia com seus atores sociais, os quais, levados pela fé, apropriaram-se do lugar e o transformaram em algo místico e agregador de suas crenças.

### **3.3 O sagrado na produção do lugar na hierópolis de Santa Cruz dos Milagres**

Ao falar na produção do lugar e no sagrado como elemento produtor, imediatamente estamos nos reportando ao profano, que pode ser visto como manifestações comuns e naturais (ELIADE, 2010), repassando a ideia de que as manifestações sagradas transcendem a nossa realidade do mundo vivido e natural, o profano, onde podemos colocá-las como ações que são vitais para a produção e manutenção de lugares sagrados como Santa Cruz dos Milagres, que surgem através de uma mitologia religiosa e se produz e reproduz através de mundo cósmico produzido nesse lugar sagrado.

Lugares sagrados como Santa Cruz agregam valores, culturas, que só podem ser entendidas por seus viventes, são desejos e sentimentos que dão sustentabilidade à existência de seu grupo social e ao mesmo tempo ao próprio lugar como sagrado, que vai se produzindo e criando formas simbólicas que se cristalizam no lugar, dando a ele uma essência totalmente religiosa. No caso em foco, evoluiu de uma capela até transformar-se em cidade no ano de 1992.

Santa Cruz foi concebida por agentes relacionados com o sagrado, tendo a igreja como principal agente, porquanto era a maior proprietária fundiária do lugar, cedendo terras ao Estado, que coordenou toda a produção do local, resultando em um contínuo processo de transformação: inicialmente possuía poucos moradores, ruas sem pavimentação, apenas um posto médico, dentre outras deficiências de infraestrutura, para moradias dignas da população.

Sem acesso, a cidade vivia isolada, pois possuía apenas uma estrada de piçarra<sup>10</sup> que a ligava ao município de Aroazes, e outra ao município de São Félix. Não havia pontes ou viadutos que pudessem facilitar o transporte de pessoas aos municípios vizinhos, ou a centros urbanos maiores, contribuindo assim para a permanência de seus moradores por lá. Quando podiam, alguns migravam em busca de melhorias, principalmente para a capital Teresina.

É possível afirmar que após a disseminação das manifestações do sagrado no lugar, a cidade começa a transformar-se aos poucos, criando infraestruturas básicas como ruas, calçadas, sistemas de abastecimento de água e energia, hospital que, mesmo sem grande porte, consegue resolver problemas primários; escolas no núcleo urbano como também no rural, praças etc., dando ao lugar sagrado ares de desenvolvimento e novas perspectivas.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres tem sua gênese e desenvolvimento ligados às manifestações do sagrado, como agente produtor, resultando em uma localidade repleta de formas espaciais e geo-símbolos religiosos que lhes permite a caracterização de cidade da fé, em razão dos romeiros e fiéis que dão ao lugar sentido à sua existência.

### 3.3.1 O perfil dos romeiros e fiéis de Santa Cruz dos Milagres

As pessoas que frequentam Santa Cruz dos Milagres são movidas por seus ideais e costumes adquiridos ao longo de suas histórias de vidas, muitas delas vivem grandes dificuldades e lá encontram motivos para continuarem suas vidas. Para os devotos, esse

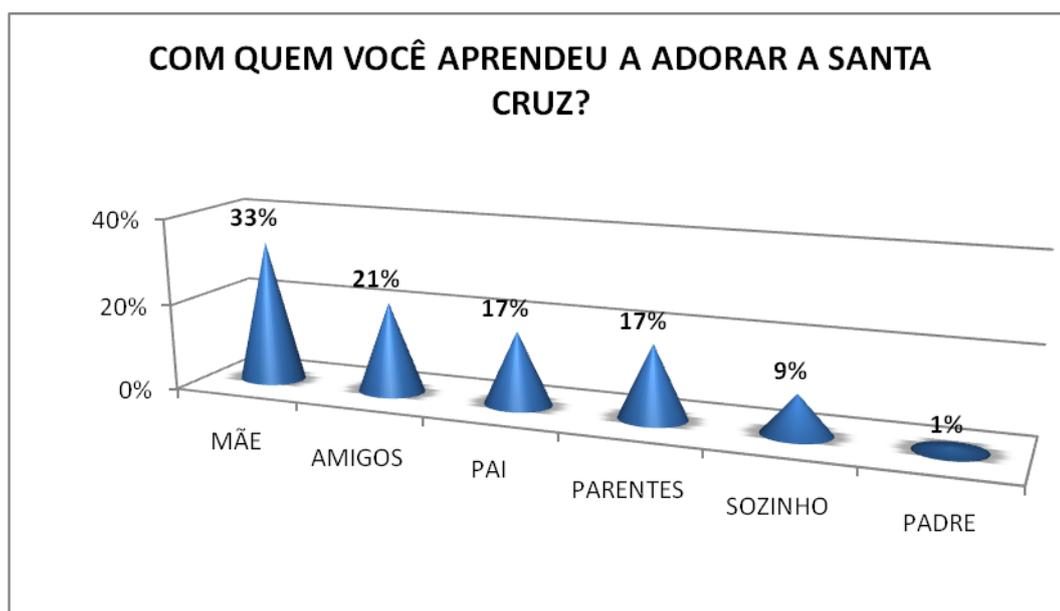
---

<sup>10</sup> é uma [rocha](#) de [grãos](#) são formados por minúsculos [cristais](#) arredondados que sevem para construção de estradas.

mundo cósmico transcende até mesmo a lei da física, é quando deixam de sentir dor, seus problemas de saúde desaparecem, casos de justiça mal resolvidos são solucionados, amores são conquistados. Existe uma gama de fatores de diversas naturezas inter-relacionados com a fé, levando pessoas a crerem em algo inexplicável, “o milagre”. Nesse sentido é que o “milagre/a fé” move essa cidade, que a produziu e tem reproduzido, dando a ela novas paisagens e desenvolvimento.

Romeiros, fiéis, crentes, devotos, seja qual for a denominação, eles estão lá, em Santa Cruz dos Milagres, perpetuando a fé que eles construíram e herdaram de seus descendentes. São pessoas de diversas cidades do Estado, algumas nem lembram com quem aprenderam adorar a Santa Cruz, mas a maioria tem uma base de adoração que proporcionou a entrada para este mundo cósmico, como mostra o gráfico abaixo.

GRÁFICO 4 – Com quem você aprendeu a adorar a Santa Cruz?



Fonte: Oliveira (2011).

Uma análise das falas dos romeiros nos permite visualizar as ligações que eles tiveram com seus pais, amigos, parentes, vizinhos e padres que os levaram a adorar a Santa Cruz, de modo que a família foi fundamental na evolução desse processo, pois mais de 50% dos entrevistados apontaram pai, mãe e parentes como colaboradores para esta aproximação, corroborando o que já foi discutido anteriormente, de que todo esse fenômeno foi construído com a memória dos que contraíram a cidade e repassaram para seus descendentes sua prática

cultural religiosa. Apenas uma pequena parcela aponta uma autonomia nessa aproximação, ao afirmar que aprendeu sozinho, e um percentual bem menor indica o padre como elo desse processo, explicitando que o papel da igreja é o de manutenção de um fenômeno religioso apropriado por ela, e não de sua criação.

Através de informações obtidas nas entrevistas, conferiu-se que a fé dessas pessoas em relação ao lugar sagrado de Santa Cruz é fundamental para mantê-lo, porquanto a maioria que o frequenta crê nos milagres que a Santa realiza, e esse sentimento de realização e crença é vital para a permanência deste lugar, o que pode ser observado em todas as falas dos sujeitos entrevistados. Nesse sentido, eles relacionam tudo com a fé, direta ou indiretamente, tornando visível a relação que os romeiros e fiéis têm com ela, pois ao indagá-los sobre o que os levam à cidade, os motivos estão intimamente ligados a essa crença, quais sejam: pagar uma promessa, pedir um novo milagre, esperança de ter seus problemas resolvidos, conhecer o lugar considerado sagrado, expressar seu amor pela Santa. Apenas uma minoria está lá a passeio, ou seja, é a fé que os direciona a este lugar sagrado e que dá a estas pessoas e à cidade de Santa Cruz motivos para suas existências.

Para a maioria dessas pessoas, ir a essa cidade faz parte de suas vidas, muitas vão desde criança, outras, são recentes, mas todas criaram o hábito de ir à cidade sagrada impulsionadas por costumes adquiridos em suas rotinas sociais, isto se torna visível quando perguntamos há quantos anos elas visitavam a cidade, e obtivemos uma diversidade de respostas, todas, porém, com uma quantidade significativa de tempo, como mostra a tabela abaixo:

TABELA 1 – Frequência dos romeiros à cidade de Santa Cruz dos Milagres

HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ FREQUENTA A CIDADE DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES?	VALOR ABSOLUTO	PORCENTAGEM %
26 ANOS	22	22%
15 ANOS	5	5%
30 ANOS	2	2%
1ª VEZ	4	4%
5 ANOS	3	3%
50 ANOS	16	16%
35 ANOS	16	16%
2 ANOS	1	1%
10 ANOS	8	8%
3 ANOS	3	3%
6 ANOS	4	4%
20 ANOS	13	13%
40 ANOS	3	3%
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100%</b>

Fonte: Oliveira (2010).

Através da fala dos romeiros, podemos perceber a quantidade de tempo no ato de ir à cidade de Santa Cruz, como isso está contido na vida dessas pessoas. A maior parte visita-a há 50, 40, 30, 35, 26, 20, 15, 10 anos, explicitando a permanência da religiosidade popular na vida dessas pessoas, de modo que a maioria não sabe mais viver sem ir aos momentos festivos dessa localidade.

Observamos, também, pequena quantidade de pessoas que vai à cidade há 6, 5, 2, 3 anos, representando o início da rotina religiosa nas suas vidas, como também encontramos uma pequena parcela de 4 pessoas que estavam lá pela primeira vez. Essa divergência nos anos de frequência nos permite visualizar o contínuo desta prática na vida dessas pessoas, sejam elas jovens, adultas, idosas, mas todas lá estão iniciando ou dando continuidade ao ato de adoração a Santa Cruz, e contribuindo assim para desenvolver o espaço sagrado da cidade.

Encontramos uma diversidade de classe, comportamento, manifestação, dentre outras ações das pessoas que frequentam a cidade de Santa Cruz dos Milagres. O acesso aos bens e serviços reorganizam a paisagem humana que lá encontramos, pois há alguns anos atrás, víamos pessoas chegando em caminhões paus de arara, de grande e pequeno porte, enfrentando estradas de piçarra, riachos e rios cheios, uma verdadeira peregrinação para chegar à cidade.

Nesse sentido, as mudanças na economia do país de certa forma têm influenciado no cenário social dos romeiros que visitam a cidade, pois, através de pesquisa *in loco*, se conseguiu visualizar mudanças no perfil dessas pessoas, visto que alguns entrevistados afirmaram que chegavam lá de van, moto, carro “próprio”, e somente 8% das pessoas afirmaram ter ido de transporte tipo pau de arara, e uma pequena parcela de 4% foi a pé, mas porque estava pagando suas promessas, e 57% asseveraram ter ido de ônibus em boa conservação que, mesmo sem grande poder aquisitivo, conseguiram chegar à cidade de Santa Cruz sem muito desgaste, como é possível constatar na foto a seguir:

FOTO 13 – Ônibus estacionados na subida da igreja



Autor: Oliveira (2011).

Essas características nos permitem traçar um novo perfil dos romeiros que hoje frequentam a cidade de Santa Cruz dos Milagres, um perfil de pessoas com uma situação financeira mais favorável, que lhes permite uma mobilidade digna e distante do padrão que acontecia no santuário em épocas passadas, quando os romeiros na grande maioria chegava em caminhões paus de arara, sem nenhuma condição humana, passava dias para chegar à cidade, sofria acidentes nas estradas, demonstrando assim um perfil de pessoas sem acesso a bens e serviços e com péssimas condições de vida, um cenário que foi mudando. Hoje, romeiros e fiéis se dirigem à cidade de maneira mais confortável e digna, mesmo com problemas da mais variada natureza, pois são esses problemas e sua fé que os levam à Santa Cruz dos Milagres. Esse novo perfil de romeiros que frequentam a cidade consegue criar um fluxo de pessoas de várias outras localidades do estado, interligando cidades de todas as regiões, comprovando o poder agregador e dissipador da fé. Conforme mapa abaixo.

MAPA 5 – Fluxos de pessoas entre Santa Cruz dos Milagres e cidades do Piauí

O fluxo de pessoas dentro do estado do Piauí em direção ao santuário de Santa Cruz dos Milagres representa a mobilidade dessa população movida por uma força externa, a fé, que produziu uma cultura que as motiva a encontrar resposta sobre algo que transcende seus *status* humano, nesse caso, o sagrado.

A atitude religiosa dos grupos humanos que se transforma em ação e causalidade no fato geográfico envolvem atitudes e convicções profundas, nem sempre fáceis de identificar e menos ainda de explicar. [...] Não só essa dinâmica pode ser representada cartograficamente, como na busca dos antecedentes e das conseqüências dos deslocamentos, na análise das práticas religiosas e na repercussão das mesmas nas áreas de influência dos seus centros de irradiação, que chegam aos aspectos exteriores mais significativos das manifestações religiosas, aspectos esses que se inscrevem no complexo quadro de relações humanas estudadas pela Geografia (FRANÇA, 1975, p. 12).

Essa mobilidade pode ser entendida como micromobilidade, segundo Rocha (1998), que é o deslocamento e retorno breve, conforme Rubino e Rocha (2009), ou, em quantidade inferior, esse processo de mobilidade pode ser considerado inato ao ser humano, pois desde os mais remotos registros de organização grupal observa-se essa necessidade de deslocamento do homem em busca de suas necessidades, sejam elas físicas ou espirituais.

A mobilidade enquanto categoria científica é utilizada constantemente para explicar o movimento dos homens em suas mais diversas instâncias. Os estudos populacionais, as migrações e as mobilidades são noções que tratam de investigar a dinâmica de desenvolvimento das sociedades (ROCHA, 1998, p. 16).

Esse processo de mobilidade resulta em uma migração de pessoas que, por conseguinte, constroem uma rede de informações que se cristalizam nas suas vidas, repassadas a seus descendentes como algo integrante de suas existências. No contexto religioso, isso é impulsionado pela crença que as pessoas atribuem a símbolos como a Santa Cruz, construindo uma fé agregada à vida dos que nele creem, pois, para os cristãos, tudo que é possível para Deus também é possível para ao homem e, se ele acreditar, tudo se realizará (ROSENDAHL, 2001). A fé que motiva as pessoas a essa mobilidade contribui para a construção de lugares sagrados como Santa Cruz dos Milagres, que pode ser considerado de nível regional, como mostra o mapa a seguir.

MAPA 6 – Fluxo de pessoas entre Santa Cruz dos Milagres e os Estados do Brasil.

Convém apontar que existe um fluxo significativo de pessoas no interior do Brasil, e, com maior relevância, a região nordeste, que converge para o santuário de Santa Cruz dos Milagres. Este fato permite considerá-lo como santuário regional, proporcionando sua hegemonia em relação aos outros lugares sagrados do Piauí. Com efeito, esse processo tem produzido várias transformações espaciais na cidade como a valorização desse lugar para a Igreja e para o Estado, como gestores, que vêm ali um ponto fixo de desenvolvimento no potencial econômico do estado.

As pesquisas nos revelaram a diversidade dos problemas que encontramos entre os romeiros na cidade o que nos levou a caracterizar os tipos de milagres mais buscados por eles, visualizando uma realidade dos que frequentam santuários como o de Santa Cruz dos Milagres, como evidencia a tabela abaixo.

TABELA 2 – Tipo de milagre atendido

TIPOS DE MILAGRES ATENDIDOS	VALOR ABSOLUTO	PERCENTAGEM%
Saúde	86	86%
Cura de um drogado	11	11%
Justiça	2	2%
Um amor desejado	1	1%
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100%</b>

Autor: Oliveira (2011).

É visível que as pessoas que buscam a resposta para os seus problemas através da fé acreditam piamente que irão ser atendidas, a ponto de colocarem situações que, para os incrédulos, seriam impossíveis de ser resolvidas, contudo, a fala desses sujeitos evidencia sua crença na Santa Cruz, pois eles explicitam em bom tom os milagres atendidos, principalmente, na área da saúde, como também, cura de drogados, problemas na justiça, e até mesmo um amor desejado. Situações estas que nos permitem caracterizar estes romeiros como pessoas em estado de efervescência religiosa, possibilitando-lhes transcender à outra realidade, a da esperança, em que serão atendidas em seus pedidos, mesmo que isso pareça impossível de alcançar.

Os santuários exprimem a verdade socioeconômica do povo. Os pedidos de saúde, emprego e amor ocorrem com maior frequência; os romeiros vão buscar ajuda sobrenatural para resolver suas necessidades materiais. Assim, a religião constitui-se em uma solução para as frustrações dessa vida terrena, como realização de tudo que não pode ser realizado aqui (ROSENDAHL, 2009, p. 52).

A busca para a solução dos problemas dos romeiros é peculiar na maioria dos lugares, pois eles buscam ajudas para situações semelhantes, e estão ligados por uma

afinidade que os comandam, a “religião”, levando-os a pôr em um determinado símbolo a solução para os seus problemas e frustrações, que não seja aqui na terra, mas em algum outro lugar. Eles criam tanta fé e vínculo com o lugar que, ao se indagar se a cidade de Santa Cruz dos Milagres existiria sem a Santa, ouvimos por unanimidade de respostas, que esse lugar não existiria sem a Santa Cruz e os milagres que ela oferece, levando-nos a visualizar a relação que existe entre os romeiros, sua fé e a produção deste lugar místico, onde acontecem coisas que transcendem a nossa realidade, fazendo dele um local sagrado e com respostas para os que nele acreditam.

### 3.3.2 A produção de infraestruturas urbanas na hierópolis de Santa Cruz dos Milagres

Como relatado anteriormente, a cidade de Santa Cruz dos Milagres não possuía infraestrutura que atendesse a contento a população que para lá se deslocava nas manifestações do sagrado, ganhando aos poucos desenvolvimento à medida que a cidade se destacava, atraindo os olhares dos fiéis, romeiros, como também dos gestores públicos que não podiam mais se manter alheios aos problemas dessa localidade, como também a dimensão que o desenvolvimento das ações do sagrado tomaram, fazendo convergir pessoas de várias cidades do estado do Piauí e da região nordeste.

FOTO 14 – Acesso à Igreja sem pavimentação



Fonte: Acervo fotográfico do Senhor Luiz Cardozo.

FOTO 15 – Acesso à Igreja com pavimentação



Fonte: Oliveira (2010).

As fotos 15 e 16 refletem como se produz as estruturas necessárias para atender a demanda de fiéis que se apropriam da cidade, como a pavimentação que dá acesso à Igreja Matriz, oferecendo maior comodidade aos que lá frequentam, tornando-se fundamentais para o desenvolvimento do lugar e do sagrado que dá à cidade de Santa Cruz dos Milagres a função religiosa, visto que todas as cidades têm funções que permitem a sua gênese e sua sustentabilidade, fazendo do sagrado a razão da existência desse lugar considerado milagroso.

Em Santa Cruz, mesmo tendo outros agentes, como o poder público estadual e municipal, que contribuíram para seu desenvolvimento, não há como negar quanto à supremacia do sagrado como principal agente produtor e modelador de seu espaço, pois as maiores infraestruturas produzidas são direcionadas à representação do sagrado comandado pela igreja católica, que agrega o poder controlador da fé e representa o elo entre os que nela creem e a salvação, união que dá sentido de existência e desenvolvimento às cidades da fé.

Aos poucos, a cidade de Santa Cruz dos Milagres vai ganhando melhorias tanto para a igreja, como para seus moradores, em função do destaque religioso que atrai centenas de pessoas para sua sede nas datas festivas, sendo necessárias mudanças e melhorias que acomodem melhor sua população e os fiéis. Nesse sentido, uma das principais benfeitorias foi a pavimentação de sua estrada de acesso a cidade, a PI-225 em 10 de setembro de 2008, que

liga a cidade de Santa Cruz à BR-316 via cidade de São Félix, dando maior mobilidade à população como também aos devotos que frequentam a cidade nas comemorações da Santa. Como se pode conferir nas imagens a seguir:

FOTO 16 – Pavimentação asfáltica da PI-224 de acesso à cidade de Santa Cruz



Fonte: Oliveira (2010).

Sem dúvida, as manifestações do sagrado na cidade são vitais para sua manutenção. A cada dia, a cidade adapta-se e cria novas formas espaciais, representando o desenvolvimento e organização adquiridos por ela. Nessas melhorias, encontramos o Estado e a Igreja aliados, agindo como agentes ativos na produção e reprodução desse local de representação da fé, que necessita atender a sua crescente demanda de fiéis que dão sustentabilidade e o contínuo do lugar sagrado.

Outra transformação visível que está ocorrendo na cidade é a construção de um novo santuário que objetiva agregar uma quantidade maior de romeiros, e expressar o desenvolvimento espacial da cidade e da fé. Conforme imagem:

## FOTO 17 – CONSTRUÇÃO DO NOVO SANTUÁRIO



Fonte: Oliveira (2010).

A construção desse santuário irá proporcionar maior comodidade aos fiéis, como também demonstrar o poder produtor do sagrado, criando novas formas geográficas e desenvolvendo o lugar. É válido ressaltar que este santuário está sendo construído através de doações e recursos da igreja, sem a participação do Estado, pois, conforme declarações do Padre Francinilson (2010)<sup>11</sup>, o terreno é da igreja, explicitando assim o seu poder de capital e persuasão sobre a sociedade, que tem contribuído com doações, rifas, bingos, para a construção do novo santuário.

Os templos, nas cidades sagradas, representam a maior simbologia das vivências religiosas. Através deles os fiéis imaginam que podem chegar a alcançar a salvação, fazendo dessa percepção o sentido de eles estarem ali no local. Ademais, não medem sacrifícios para contribuir para a produção e manutenção e, no caso específico de Santa Cruz dos Milagres, a construção de um suntuoso templo que irá demonstrar todo o poder e a evolução da Santa Cruz para os que nela acreditam.

Eu estava doente, mas saí pedindo de loja em loja, de casa em casa, fiz rifa, arrecadei 100 sacos de cimentos, que podem não parecer muitos, mas ajudaram na construção do novo santuário de Santa Cruz, que eu creio e ajudo a mantê-la viva na

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida em setembro de 2010.

mente e na vida dos que estão próximos a mim, não medindo sacrifícios (PORTELA, 2010)<sup>12</sup>.

A vivência em Santa Cruz permite a nitidez da influência que o sagrado tem no seu desenvolvimento, pois a cidade tornou-se um polo turístico religioso, resultando tanto no seu desenvolvimento econômico como de infraestrutura, o que fez aflorar na cidade obras voltadas para melhoria na recepção, onde praças são criadas, um estacionamento está sendo construído ao lado do novo templo. Segundo depoimento do Pe. Francinilson, o terreno foi doado pela igreja para o estado construir um grande estacionamento para receber os mais de 50 mil fiéis que se aglomeram na cidade no período das festas.

Outras obras de serviços que expressam de modo mais coerente a atuação do Estado (CORRÊA, 2002) vão modelando a cidade, como calçamentos, praças, mercados públicos, oferecendo à cidade um novo espaço com características urbanas, o que só foi possível graças à disseminação do sagrado. As fotos abaixo ilustram:

FOTO 18 – Placa informativa da construção do estacionamento ao lado do futuro templo



Fonte: Oliveira (2010).

<sup>12</sup> Entrevista concedida em setembro de 2010.

FOTO 19 – Construção de uma praça pública



Fonte: Oliveira (2010).

Embora não tenha indústrias, nem prestação de serviços, fatores primordiais para o crescimento econômico de um núcleo urbano, houve um desenvolvimento rápido na cidade, é que lá o poder de produção é do sagrado, sendo visível nas formas espaciais como também na percepção daqueles que vivem ou vivenciam os momentos de fé em Santa Cruz dos Milagres.

Frequento aqui desde criança e a cidade não tinha nada, apenas uma igreja, muito solo quente, sem calçamento, nem pincho nas estradas, osromeiros *murriam* na beira do riacho Dantas como morreram uma vez, ou então ficam do lado de cá dos riacho, *prumode* as cheias, hoje depois que a madinha Santa Cruz abençoou a gente, temos tudo, sem ela nada aqui existiria (Antônia Silva)<sup>13</sup>.

A fala da devota expressa bem o que se observa na cidade, pois tudo nela recende religião, espiritualidade, sagrado, de sua gênese ao seu processo de desenvolvimento. Em suma, o sagrado é o seu maior agente produtor, não obstante a interferência de outros agentes como assessores para o seu poder agregador e produtor de lugares.

Outra obra na cidade que visa melhorias e infraestrutura é a orla do rio São Nicolau, que mistura a influência do sagrado com o mundo comum, pois é lá que se

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 6 em novembro de 2010.

apresentam as maiores manifestações do profano, onde se instalam barracas, os bordéis, numa miscelânea de mundo comum, “profano” com o mundo cósmico, sagrado, convivendo em harmonia, visto que ambos se entrelaçam na produção do lugar sagrado de Santa Cruz dos Milagres.

Eu frequento aqui há mais de 40 anos, a sede da minha casa é na BR-316, mas todos os anos durante os festejo venho com minhas meninas, comecei a vender cerveja aqui conservando no gelo e na palha do arroz, fico no meu birô só olhando o comportamento das minhas meninas, que são umas moças de comportamento, nunca fomos vista como pessoas más. Uma vez fizeram uma assembleia para decidir se iam me expulsar do centro da cidade e todos votaram a meu favor, até o padre me respeita. Outro dia liguei para ele trocar um dinheiro para mim, e ele prontamente mandou deixar na porta do meu casarão, eu faço parte dessa cidade, ajudei a construir a história dela, mas sei que sem a Santa Cruz nada aqui seria próspero como é (Dona Toinha)<sup>14</sup>.

FOTO 20 – Estabelecimento de dona Toinha nas margens do Rio São Nicolau



Fonte: Oliveira (2010).

As falas evidenciam a relação do sagrado e do profano na produção do espaço, visto que o primeiro representa o mundo imaginário criado no mundo comum, “profano” e, embora essas sejam manifestações distintas, têm relações estreitas e significantes para a produção de um lugar, que se opõem e ao mesmo tempo se atraem, porém, jamais se misturam (ROSENDAHL, 1996).

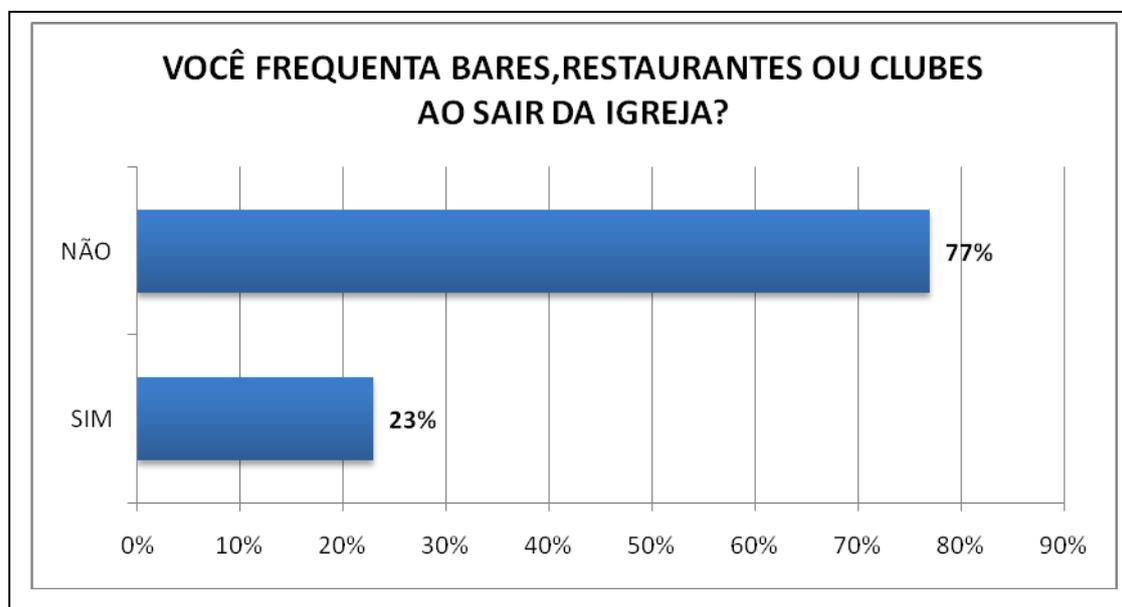
---

<sup>14</sup> Dona do prostíbulo mais antigo da cidade, em entrevista concedida em setembro de 2010.

Eu vejo os lugares profanos como o outro desejo do seres humanos que são complexos, que ao saírem da igreja precisam se refrescarem, tomar uma água, refrigerante, mas sempre retornam para a igreja para o objetivo principal deles aqui (Pe. Francinilson)<sup>15</sup>.

A fala do padre corrobora as informações fornecidas pelos romeiros, que reforçam que estão ali pela fé e para adorar os símbolos religiosos que a cidade possui, tendo em vista que voltam grande parte de seu tempo para visitá-los. É certo que alguns se dirigem a bares e restaurantes, como mostram as falas, mas a maioria está ali com um objetivo maior: aumentar e alimentar sua fé na Santa Cruz. Confira gráfico abaixo.

GRÁFICO 5 – Frequência em bares, restaurantes ou clubes ao sair da igreja



Essas expressões se somam com outras ações que deixam suas marcas expressas em símbolos e formas espaciais, cristalizando ali suas ações e importância na produção deste lugar, a ponto de os representantes de ambas as manifestações respeitarem-se e reconhecerem a existência e importância de cada um para o lugar sagrado.

A orla do rio São Nicolau também visa agregar mais representantes do profano, expressando as transformações espaciais que a cidade vem passando, um progresso urbanístico, trazendo uma nova paisagem para a cidade, que aos poucos vai se reproduzindo e ganhando ares de cidade organizada para receber a demanda de pessoas que para lá se dirigem nos meses de festas, ocasião que, mesmo tendo como foco atrativo principal o sagrado,

<sup>15</sup> Entrevista concedida em setembro de 2010.

proporciona o surgimento de novas formas do profano, dando a estas manifestações destaque e importância, porquanto está voltada para receber os fiéis após os rituais religiosos. Como ilustram as fotos a seguir.

FOTO 21 – Placa informativa da construção da orla do Rio São Nicolau

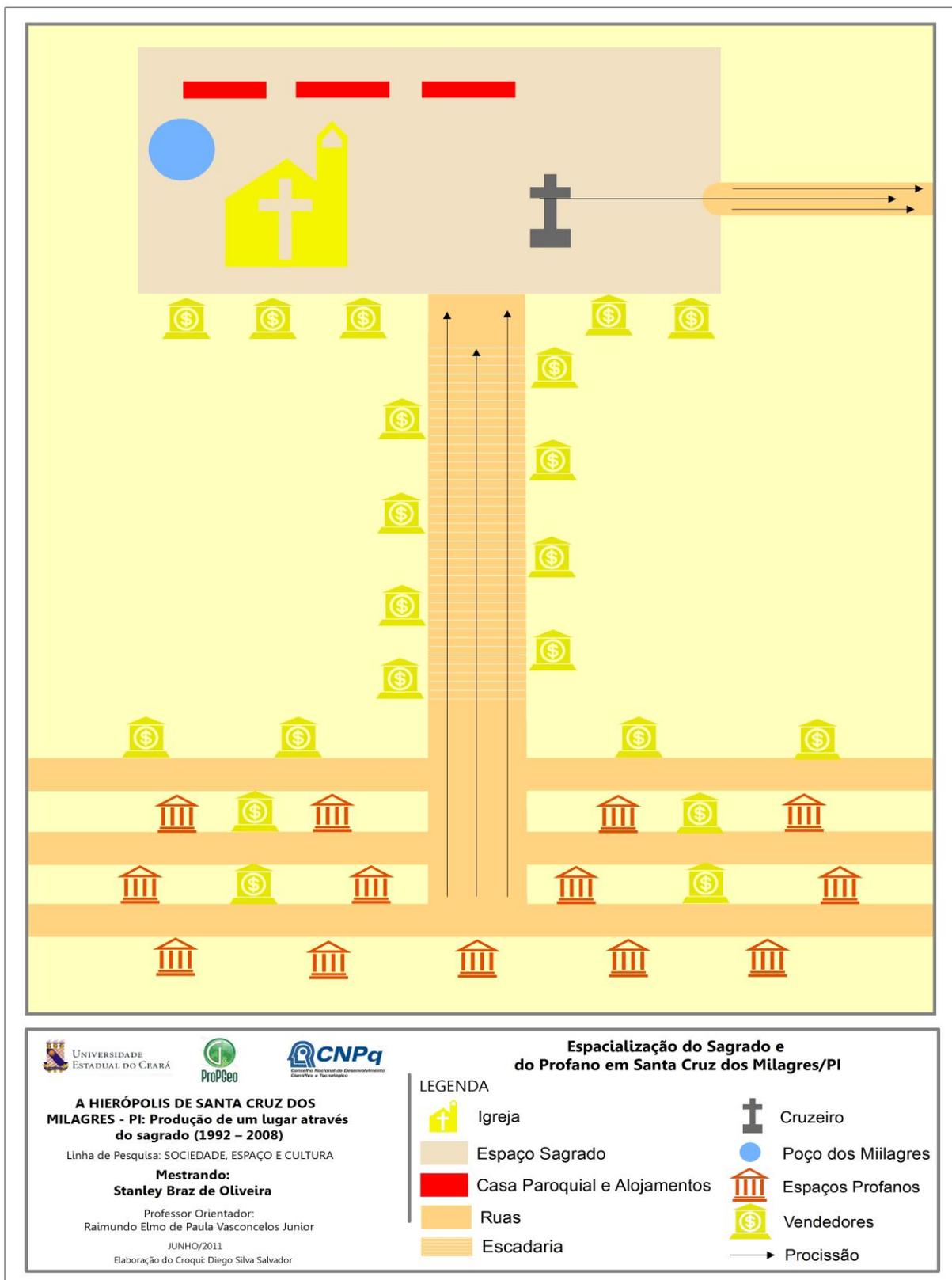


Autor: OLIVEIRA 2010.

### 3.4 A Cartografia do sagrado na hierópolis de Santa Cruz dos Milagres

À medida que ocorre a propagação do poder milagroso da Santa Cruz, a cidade vai se modelando e ganhando novas formas, selecionando o que é considerado sagrado do que é profano, de modo a proporcionar uma organização espacial, na qual o sagrado é tido como o centro das ações e manifestações que acontecem na cidade de Santa Cruz dos Milagres.

GRÁFICO/ESQUEMA 6 – Espacialização do sagrado e do profano em Santa Cruz dos Milagres-PI



Fonte: Oliveira (2010), adaptado de Rosendahl (2009).

Nesse esquema, o foco está na igreja, localizada no alto, é um dos maiores símbolos sagrado da cidade, e as outras formas simbólicas vão se alocando em seu entorno e, mesmo as que estão mais distantes, possuem uma forte ligação com a representatividade que a igreja tem. Ao longo da escadaria que dá acesso à igreja, encontramos bares, restaurantes, bancos, posto de saúde, pequenas pousadas, e nos meses de maiores aglomerações, nos momentos festivos, nos quaisromeiros e devotos aglomeram a cidade, surgem barracas diversas e com todo o tipo de mercadoria ao longo da escadaria da igreja, voltadas para atender as necessidades dos frequentadores e, à medida que nos aproximamos da igreja, há uma maior concentração de produtos religiosos. Segundo um ambulante, isso ocorre porque:

aqui próximo à igreja ficam as pessoas religiosas que não descem para os bares, restaurantes, quem vêm mesmo pela fé, portanto, ficar aqui perto da igreja é bem melhor para conseguir vender esses crucifixos, santinhos e chaveiros da Santa Cruz (Antônio, vendedor ambulante).

A fala nos remete a visualizar a separação que ocorre entre os espaços sagrados e os vistos como profanos, visto que muitos devotos nem descem as escadarias da igreja em direção a esses locais, porquanto já se sentem realizados com a visita à igreja e a adoração à Santa Cruz.

A busca pela proximidade do símbolo sagrado e pela salvação e a perspectiva de encontrar entes queridos reúne a população piauiense nos momentos de festas em Santa Cruz dos Milagres, fazendo da religiosidade popular a solução para todos os problemas que afligem aqueles que têm fé, proporcionando rotinas e produção de lugares sagrados, criando rituais e roteiros que são seguidos fielmente por todos que participam de um determinado grupo social envolvido pela fé, que se expressa através de um símbolo, como o que acontece em Santa Cruz. Nessa perspectiva, a hierofania apresenta-se como forma de cruz, mistificando e produzindo o mundo cósmico do santuário.

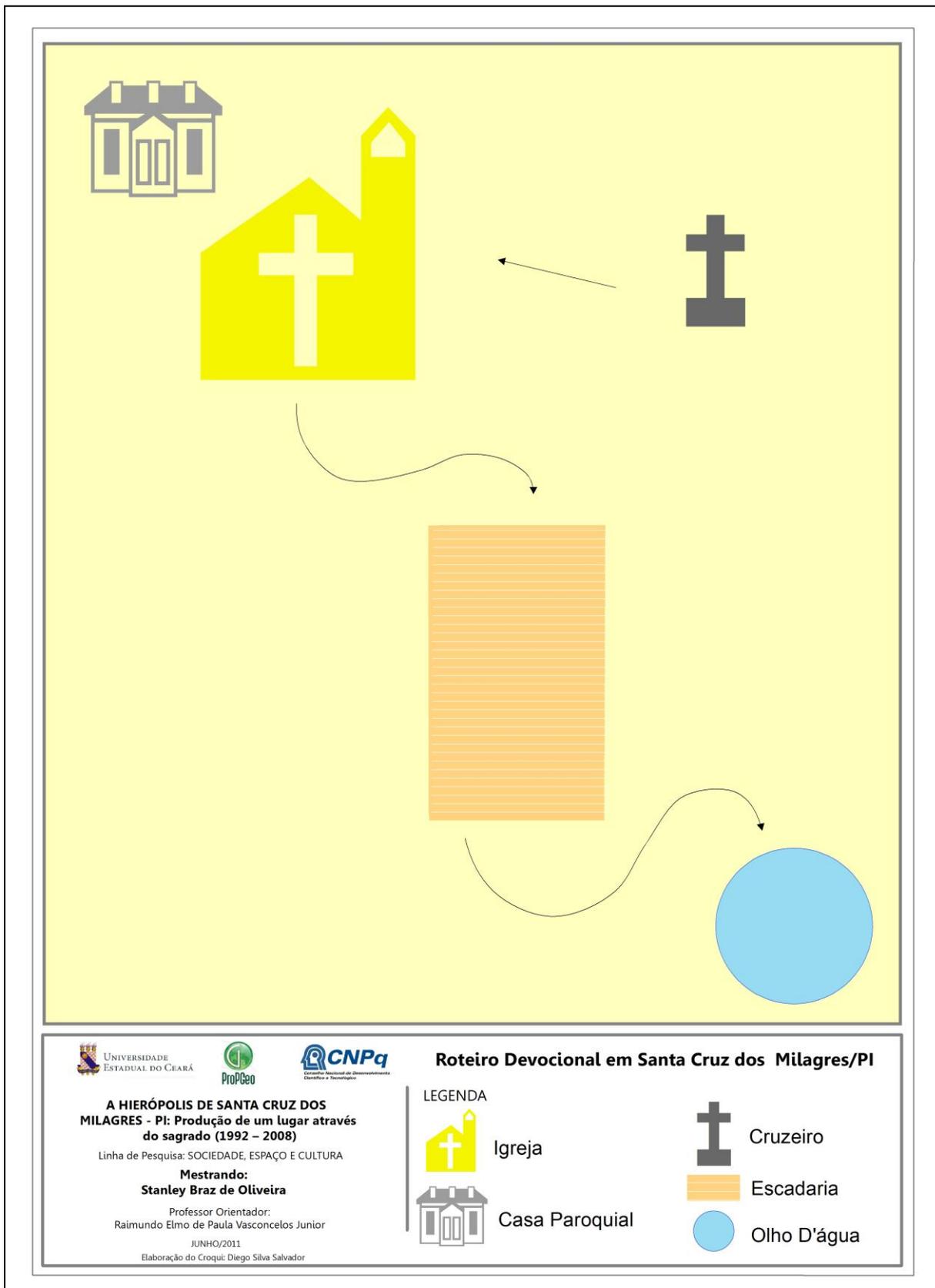
A organização da igreja permite que seja montada uma estrutura interna que interliga dioceses e arquidioceses, com a finalidade de intensificar os fluxos em direção ao maior santuário no estado, principalmente na festa do Encontro dos Santos, em que a igreja incentiva todas as suas paróquias e fiéis para participarem, criando uma rotina anual como também um roteiro de peregrinação no estado, pois no mês de novembro a maioria dos municípios envia seus padroeiros para serem bentos e se confraternizarem junto aos outros

padroeiros e fiéis, resultando numa busca de manutenção da fé católica no estado como também no desenvolvimento do fenômeno do sagrado na hierópolis de Santa Cruz.

Essa relação espaço-tempo contribui para disseminar a força propulsora do sagrado, criando fluxos em escalas locais, estaduais e regionais para a hierópolis de Santa Cruz, no estado do Piauí. De acordo com relatos do Pe. Francinilson, a hierópolis recebe um fluxo considerável de fiéis de todas as regiões do estado desde a capital Teresina às localizadas no extremo sul e sudeste, explicitando o poder de influencia e disseminação que o sagrado possui.

Estes fluxos servem como manutenção do lugar sagrado, criando hábitos entre os fiéis que se dirigem para a hierópolis de Santa Cruz em uma ação cultural, impulsionados pela fé e costumes adquiridos de seus antepassados, resultando na produção de roteiros devocionais dentro e fora do lugar sagrado. Em Santa Cruz, a mitologia unida aos símbolos e à fé e fluxos temporários dos fiéis produziram um roteiro local de peregrinação, pois os devotos se dirigem primeiramente à Igreja Matriz, fazem suas orações no cruzeiro em frente da igreja, descem ao Olho d'água para tomar banho, lavam a cabeça, levam a água benta, fazendo dessas ações um ritual de manifestação de fé na hierópolis de Santa Cruz, que proporciona a mentalização de um roteiro devocional na cidade. Confira no esquema a seguir:

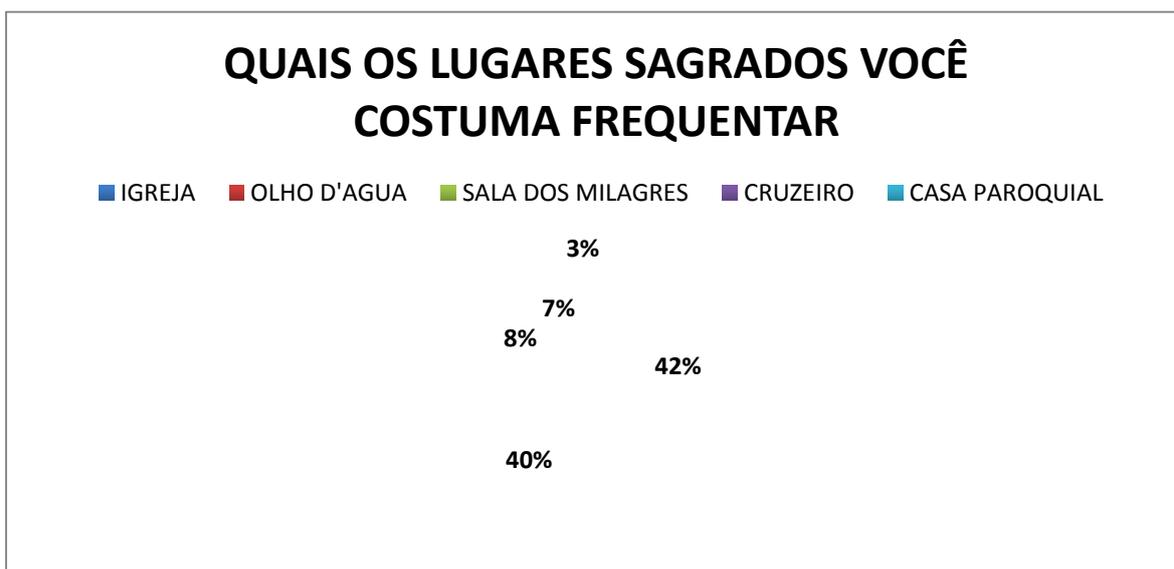
GRÁFICO/ESQUEMA 07 – Roteiro devocional



Autor: Oliveira (2010).

O roteiro devocional serve para guiar os fiéis como também para expressar os símbolos que se constroem nesse lugar sagrado, criando hábitos e formas espaciais que se misturam às formas do mundo comum, resultando em um lugar produzido e reproduzido pelo sagrado, que se revela nitidamente nessas estruturas espaciais e ações sociais, tornando a cidade um lugar místico e transcendental para seus viventes (esta descrição foi realizada após os relatos dos romeiros e devotos entrevistados), como mostra o gráfico abaixo.

GRÁFICO 8 – Lugares sagrados mais frequentados em Santa Cruz dos Milagres



Fonte: Entrevista 2011.

Na análise das falas dos sujeitos, é visível a estrutura criada por eles neste mundo cósmico, onde o roteiro é traçado para satisfazer suas necessidades espirituais impulsionadas pela fé que os levam, a cada momento festivo, ao lugar escolhido por eles, configurando assim o elo com a salvação. Para os devotos, a própria visita à hierópolis de Santa Cruz é considerada um fato transcendental e inexplicável, como também a sensação de prazer e adoração que eles sentem ao visitar os lugares escolhidos, com primazia pela Igreja, onde está a Santa, e o Olho d'água milagroso.

As formas simbólicas mais representativas das manifestações do mundo imaginário de Santa Cruz dos Milagres formam toda a essência religiosa da cidade, todavia, para descrevê-las é necessária uma visão de quem vive e dá sentido ao lugar sagrado, ou seja, “seus viventes e fiéis”. Essa percepção só foi possível construir graças à descrição do olhar observador das falas dos que lá estavam e encontravam motivos para suas existências e alívio para suas tormentas.

A Igreja, polo atrativo das manifestações do sagrado, localiza-se no alto com o intuito de representatividade da aproximação dos fiéis com o mundo imaginário da salvação e, por conseguinte, porta da salvação e solução dos problemas dos que por lá peregrinam. A partir desse diagnóstico repassado pelos devotos, foi possível traçar diretrizes para identificar o significado deste símbolo, para todos que o adoram e o apreciam.

Ao se perguntar sobre o significado da igreja para os fiéis, foram obtidas respostas distintas e subjetivas, como mostra o gráfico abaixo.

GRÁFICO 9 – A representação da Igreja para os fiéis



Fonte: Entrevista 2011.

As narrativas dos viventes e romeiros revelam que a igreja é um dos maiores símbolos que o roteiro devocional da cidade tem, visto que nela os fiéis encontram sentido para sua fé e, ao chegarem lá, transcendem toda sua existência para esse mundo cósmico, que eles reivindicaram, transformando-o em um lugar de paz, alegria, esperança, bênção e proteção. Para a maioria, essa transcendência é tão significativa que representa tudo na vida deles, mesmo que seja por um determinado momento, levando-os a acreditar que ali existe um acesso a Deus e ao desconhecido.

[...] lá no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses (ELIADE, 2010, p. 29-30).

Os templos agregam as maiores expressões de simbolismo e fé, que, juntos, constroem e mantêm a sua existência. Em Santa Cruz dos Milagres como em outros lugares apropriados pela religiosidade católica popular não foi diferente. Nessa apreensão, a igreja, ao perceber a dimensão do fenômeno, inicia todo um processo de organização e desenvolvimento do lugar que seria o polo disseminador de fé e atrativo para aqueles que a tem, a ponto de passar de uma capela para uma modesta igreja e hoje representar um futuro santuário em construção, indicando a importância dos templos para os lugares sagrados. Outro símbolo da cartografia do sagrado escolhido pelos devotos na hierópolis é o cruzeiro, local onde eles fazem suas orações e depositam seus ex-votos<sup>16</sup>, que posteriormente serão enviados para a sala dos milagres, onde são colocadas as amostras e uma tentativa de explicitar o poder milagroso da Santa. Conforme ilustram as imagens abaixo.

FOTO 22 – Cruzeiro



Fonte: Oliveira (2011).

FOTO 23 – Sala dos Milagres



Fonte: Oliveira (2011).

---

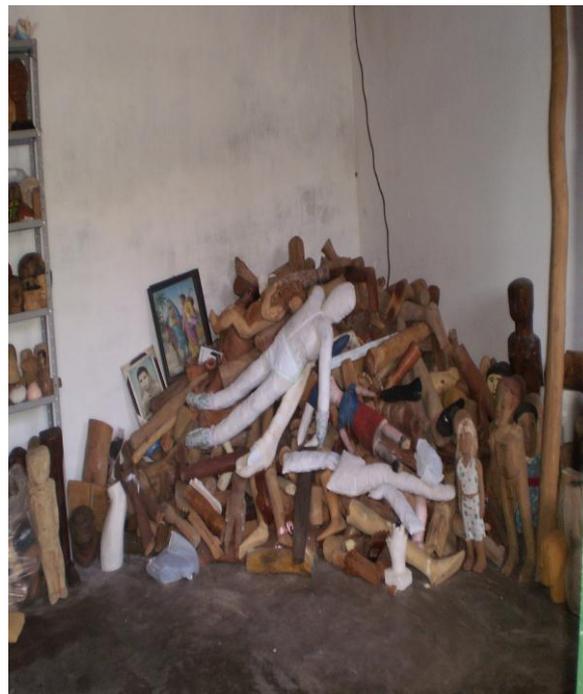
14 Parte de membros do corpo dos seres humanos representados em madeiras, tecido etc.

FOTO 24 – Sala dos ex-votos



Fonte: Oliveira (2011).

FOTO 25 – Sala dos ex-votos



Fonte: Oliveira (2011).

Essas imagens representam o processo de organização do lugar sagrado, uma vez que a criação de formas e símbolos contribuiu para desenvolver o lugar e manter a fé dos devotos, envolvendo-os em um ciclo de rotinas e crenças que faz com eles se sintam parte daquele lugar, cumprindo o roteiro fielmente e acreditando que esses locais são sagrados e representam algo inexplicável que os fazem se sentir bem por estarem ali. O gráfico abaixo representa essa crença.

GRÁFICO 10 – O que a imagem do Cruzeiro representa para o romeiro



Fonte: Entrevista 2011.

Para os romeiros, cada símbolo que forma a cartografia do sagrado tem um significado, no qual, para a maioria, o cruzeiro é um local de agradecimento dos milagres através de suas orações, dos ex-votos, onde eles encontram uma paz inexplicável, e para alguns também um lugar de aproximação com a santa cruz, símbolo que os leva até ali, e, como todo símbolo, decodificando, estabelece conexões e conectando ao presente, revivendo a memória dos que o construiu e criando a dos seus viventes atuais (MELLO, 2008).

O Olho d'água milagroso, segundo local mais visitado pelos romeiros, traz uma essência mística e histórica, pois foi através de sua água que se deu o primeiro milagre, quando o vaqueiro molhou a cabeça de sua filha doente e milagrosamente ela se curou, circunstância que dá início à construção de uma crença na qual sua água é abençoada pela Santa Cruz e, por conseguinte, milagrosa, fazendo com que todos que lá passam usem sua água, repetindo o gesto do vaqueiro em suas cabeças, com o firme propósito de cura e preservação de sua saúde.

A Casa Paroquial também é apontada como lugar sagrado por alguns romeiros, por acomodar o padre, representante de Deus para eles, levando-os a acreditar na salvação ou até mesmo uma palavra de conforto.

Todos estes lugares escolhidos pelos romeiros representam para eles a paz a solução para algum problema que ele tenha, e contribui para produzir a cartografia do sagrado na cidade de Santa Cruz dos milagres, determinado cada lugar de acordo com sua função, criando símbolos e significados para este povo, e tornando-se fator determinante para a organização espacial desta cidade, que mistura-se com a fé e produz e reproduz um cenário típico de cidades religiosas, mas com um diferencial sua gênese e história que torna-se única ao agregar fatores, desejos, fé e personalidades de cada um que a ajudou a ser o que ela é hoje uma cidade da fé.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muitos anos, as análises sobre produções espaciais visualizavam vários fatores como agentes produtores, mas não davam importância devido aos fatores culturais que os seus povos possuíam e que são fundamentais para a produção de um lugar, visto que são os costumes desses povos que fomentaram a existência deles em um determinado território. Esta pesquisa, pois, buscou apreciar a relevância de um fenômeno sagrado para a produção da cidade de Santa Cruz dos Milagres, trazendo inovações para as análises na produção de um lugar, pois vislumbramos no sagrado o maior agente produtor desta cidade construída pela fé, que pode ser contestável para alguns, todavia, marcou a história desta localidade, deixando no seu espaço vários símbolos e formas espaciais que comprovam a ação desse fenômeno na produção do lugar.

Analisar a produção da cidade de Santa Cruz dos Milagres é algo gratificante, pois a sua gênese se dá a partir de algo que transcende a nossa realidade, levando-nos a visualizar a produção de uma cidade localizada no sertão piauiense, que se transformou em uma das maiores romarias do nordeste e a maior do Piauí, a qual teve a sua produção através de um mito que se uniu à memória de seus agentes produtivos, produzindo cada ponto, que fez da cidade um lugar sagrado. Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa pôde-se observar na fala dos sujeitos o quanto eles se sentem parte da história do lugar, bem como proporcionar conservação de suas lembranças e memórias que foram construídas junto a seus familiares e amigos, que aprenderam a adorar a Santa Cruz com seus pais, que também aprenderam com seus pais, ou seja, transmitindo de geração a geração, transformando a sua fé em cultura, que se cristalizou no modo de vida dessas pessoas, contribuindo significativamente para produzir a cidade de Santa Cruz dos Milagres.

Da cruz de madeira que foi fincada por um beato no alto do morro, surge uma capela que posteriormente deu origem a uma igreja, e ao seu redor foram surgindo pouco a pouco casas que originaram um povoado sob a jurisdição do município de Aroazes-PI. A aglomeração dessas pessoas no local proporcionou o aumento da fé e, conseqüentemente, a propagação do poder da Santa Cruz. A igreja apropria-se do processo mitológico e encaminha a sua evolução, conduzindo seus fiéis com objetividade e perseverança de transformar aquele lugar em uma cidade sagrada, repleta de religiosidade.

Com a divulgação do poder da Santa Cruz, o povoado vai se desenvolvendo, criando formas geográficas com ares de cidade, fato que, aliado ao aumento populacional e à importância religiosa do lugar, proporcionou a sua emancipação política, transformando-a em uma cidade com muitas dificuldades, sem infraestruturas e condições básicas, sem rodovias pavimentadas, nem pontes sobre os rios e riachos no trajeto para a cidade, visto que estava localizada entre os municípios de Aroazes e São Félix do Piauí, ambos com acesso à BR-316 através de rodovias estaduais sem pavimentação.

Na verdade, as dificuldades pareciam instigar os romeiros a irem ao lugar sagrado, que aos poucos aglomerava milhares de pessoas no seu espaço, levando a Igreja, através de seus representantes, a criar formas de atrair os fiéis de grupos geográficos completamente dispersos e distintos, mas que são capazes de se unir por algo em comum, a fé, proporcionando uma organização de três momentos festivos nos quais se entrelaçam a fé e o entretenimento, embora apresentando nas manifestações a hegemonia do sagrado. Esses momentos organizam-se em: a Invenção da Santa Cruz, a Exaltação da Santa Cruz e o Encontro dos Santos, que fomentam toda a história religiosa do lugar, pois são nesses momentos festivos que a cidade construiu o seu potencial religioso, transformando uma cidade com 2.127 habitantes urbanos em um aglomerado com mais de 30 mil pessoas, explicitando o poder agregador da fé como também de produção espacial, uma vez que o lugar vai sendo obrigado a oferecer condições básicas para a sobrevivência dos moradores como de estadia dos romeiros nesses momentos específicos.

Aos poucos, a cidade vai criando novas formas, aumentando o seu contingente populacional e produzindo uma organização espacial urbana, emergindo de um povoado sem condições básicas para uma pequena cidade com um poder de aglomeração muito forte, que tem no sagrado seu maior agente produtor, pois é visível sua hegemonia na produção do lugar, que vai desde sua gênese até as formas e símbolos, cristalizados no espaço urbano da cidade. Dessa forma, basta um olhar para entender a relação intrínseca entre o sagrado e a produção da cidade, isso está evidente no roteiro repleto de significados que conduz os devotos em suas peregrinações pela cidade.

Observa-se que o processo de romaria pela cidade está intimamente relacionado a fatores locais ou culturais territorialmente delimitados e ligados pela ação da igreja, que produz um intercâmbio de informação e propagação da fé e, junto à religiosidade popular, consegue manter o padrão religioso na cidade e contribuir para sua evolução espacial, fato

visível na paisagem da cidade, repleta de informações que comprovam a herança cultural, renovada a cada ciclo festivo pelos moradores e romeiros, como também a expressividade do sagrado na produção do lugar.

A cidade hoje se encontra em constante processo de produção espacial, haja vista obras em toda parte, como construção de praças, escolas, uma orla ao longo do rio São Nicolau, que servirá para agregar os pontos de entretenimento da cidade como também inovar a sua paisagem urbana; conjuntos habitacionais são edificadas para acomodar a população crescente, e o novo santuário, uma das maiores obras, que vem sendo construído com a ajuda da igreja e dos fiéis em um projeto arquitetônico suntuoso, que cristalizará mais uma forma do sagrado na cidade. O crescimento da cidade de Santa Cruz e sua evolução são lentos, mas significante, a ponto de haver especulações acerca de elevar a cidade a maior santuário reconhecido pelo vaticano no estado do Piauí.

Ao longo desta pesquisa foi possível constatar as transformações na paisagem urbana da cidade, que se prepara para um novo contexto de sua história. Não obstante as limitações e deficiências, a cidade de Santa Cruz dos Milagres expressa-se com grande conotação no cenário da religiosidade popular piauiense.

Por fim, é válido evidenciar que esta cidade tem no sagrado seu maior produtor e que todas as formas e símbolos espaciais que nela estão contidos hoje representam a ação deste agente produtor, demonstrando que a fé de um povo pode construir uma cultura, no caso específico, a cultura do sagrado, expressa através de um fenômeno que transcende nossos olhares críticos, mas que foi capaz de produzir algo concreto e diversificado como a cidade de Santa Cruz dos Milagres, que tem no sagrado sua gênese e produção.

## REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. **A fenomenologia do ser humano**: traços de uma filosofia no feminino. Tradução de A. Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2004. 288 p.

ALMEIDA, M. G.; RATTS, Alecsandro J. P. (Orgs.). **Geografia**: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003. v. 1500, 286 p.

AMARAL, R. de C. A alternativa da festa à brasileira. **Revista Sexta-feira**: antropologia artes e humanidades, ano 02, n. 02, 34, p. 108-115, abr. 1998.

ARAÚJO, R. A.; MAHFOUD, M. Memória coletiva e imagem fotográfica: elaboração da experiência em uma tradicional comunidade rural. **Memorandum**, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/araujo02.htm>>. Acesso em: 01 set. 04.

ARMSTRONG, K. **Breve história do mito**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

AULETE DIGITAL. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa** [on-line]. 2011.

BAPTISTA, J. G. Mapas Geohistorico do Piauí. Teresina: Comepi 1986. p. 77.

BAKKER, N. Romarias: questionamento a partir de uma pesquisa. **REB**, v. 34, fasc. 135, p. 546, set. 1974.

BOSCHI, C. C. **Os leigos e o poder**: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1983. 254 p.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. Organização de Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983b.

\_\_\_\_\_. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. In: BOURDIEU, P.; MICELLI, S. (Orgs.). 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004b.

BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua**. 2. ed. Campinas (SP): Papirus, 1989.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85 p.

CARVALHO, J. M. de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CASCUDO, L. da C. **Religião no povo**. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974. 194 p.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002. p. 11-43.

CORRÊA, R. L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **O espaço urbano**. 4. Ed., 3. reimp. São Paulo: Ática, 2002.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Espaço e cultura**: pluralidade temática. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

COULANGES, F. **A cidade antiga**. São Paulo: Hemus, 1976.

CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 282.

DAMATTA, R. A mensagem das festas: reflexões em torno do sistema ritual e da identidade brasileira. **Revista Sexta-feira**: antropologia, artes e humanidades, ano 02, n. 02, 34, p. 82-83, abr. de 1998.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. Rio de Janeiro: [Martins Fontes], 2001.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. [Tradução Rogério Fernandes]. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Biblioteca do Pensamento Moderno).

FLICK, U. **Uma Introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANÇA, M. C. **Pequenos centros paulistas de função religiosa**. São Paulo: IGEOG-USP, 1975.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: EDIÇÃO Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21, p. 15-71.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ 1999, 248p.

HUSSERL, E. **A idéia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LE GOFF, J. Memória. In: HISTÓRIA e memória. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003, p. 441.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.; TEIXEIRA, J. **O discurso do sujeito coletivo**. Caxias do Sul: Educs, 2003.

LEWANDOWSKI, S. J. The built environment and cultural symbolism in post-colonial Madras. In: AGNEW, J. A. et al. **The city in cultural context**. 9. ed. Boston: Allen and Unwin, 1984. p. 237-254.

MAIA, C. E. S.; LOBO, T. C.; CURADO, J. G. Relações políticas e ressignificações de uma devoção popular: lendários goianos e trilhas pirenopolinas, Goiânia. **História Revista**, v. 13, p. 95-120, jan/jun. 2008.

MELLO, J. B. F. O Rio dos símbolos oficiais e vernaculares. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Espaço e pluralidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008. 296 p.

MENDES, D. **Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco de sua história**. [S. l.: s. n.], [199-]. Tem que ter uma data, veja exemplos no anexo que lhe envie por e-mail.

NASCIMENTO, C. A. do. **A atualidade do mito**. São Paulo: Duas idades, 1977.

NUNES, M. C. de A. A invenção de Teresina em uma perspectiva lendária. In: VASCONCELOS, J. G.; ADAD, S. J. H. C. **Coisas de cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005. p. 232-239. (Coleção Diálogos Intempestivos).

POCOCK, D. C. D. Place and the novelist. **Transactions of the British Geographers**, New Series 6, p. 337-347, 1981.

PORTELA, M. **A hierópolis de Santa Cruz dos Milagres-PI**: produção de um lugar através do sagrado (1992-2008): depoimento. Teresina, 2010. Entrevista concedida a Stanley Braz.

\_\_\_\_\_. **A história de Santa Cruz dos Milagres**. [S. l.: s. n.], [199-]. Tem que ter uma data, veja exemplos no anexo que lhe enviei por e-mail.

REBÊLO, E. M. C. A urbanização no Piauí. In: FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ. **Carta Cepro**. Teresina, 1974. v. 1.

ROCHA, M. M. **A espacialidade das mobilidades humanas** – um olhar para o norte central paranaense. 1998. 186 f. Tese (Doutoramento)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ROSENDAHL, Z. **Hierópolis**: o sagrado e o profano. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009. 118p.

\_\_\_\_\_. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Espaço e cultura**: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008. 296 p.

\_\_\_\_\_. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 191-226.

\_\_\_\_\_. Uma proposta temática. In: COLÓQUIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 1., 2001, Curitiba. Anais... Curitiba, 2001.

\_\_\_\_\_. Espaço, cultura e religião. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

RUBINO, Carla e ROCHA, Márcio Mendes. A fé em movimento: ensaio sobre a mobilidade religiosa em Maringá-PR. In: ANAIS DO II ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES. **Revista Brasileira de História das**

RELIGIÕES. **ANPUH**, Maringá, PR, v. 1, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em:

SANCHIS, P. **Arraial**: festa de um povo. Tradução de Madalena Mendes de Matos. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwegs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

## **APÊNDICES**

## Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Estadual do Ceará- UECE  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Centro de Ciências e Tecnologia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROP GEO

Fui devidamente informado(a) que está sendo realizada uma pesquisa sobre a hierópolis de Santa Cruz dos Milagres: um lugar produzido pelo sagrado, sob a responsabilidade de Stanley Braz de Oliveira, aluno do Mestrado em Geografia da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Esta entrevista será gravada ou registrada por escrito, e nela serão feitas perguntas sobre a minha opinião em relação ao tema, e terá duração de no máximo 1 (uma) hora e, caso eu aceite, o meu nome, \_\_\_\_\_, aparecerá ligado a minha fala sem nenhuma alteração da mesma, não receberei pagamento para isso e não terei nenhum prejuízo ou punição se, mesmo na duração da entrevista, eu recusar-me a continuar ou responder algo que venha a ser perguntado.

Se estiver de acordo em participar da pesquisa me será pedido para assinar, junto ao pesquisador, este termo de consentimento livre e esclarecido, caso eu me recuse a assinar, a minha decisão será respeitada, não sendo impedido de participar da pesquisa.

Após o recebimento e esclarecimento das informações acima, decido participar da pesquisa, de forma livre e esclarecida.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_, 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Ass. Participante

\_\_\_\_\_  
Ass. Pesquisador

## Apêndice B – Roteiro de Entrevista – Romeiro



Universidade Estadual do Ceará-UECE  
Pró-Reitoria de Pós – Graduação e Pesquisa  
Centro de Ciências e Tecnologia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROP GEO

Nome: \_\_\_\_\_

- 1) Em que estado e cidade você mora?
- 2) O que lhe traz a Santa Cruz dos Milagres?
- 3) Que transporte você utiliza para vir ao santuário de Santa Cruz dos Milagres?
- 4) O que representa a igreja para você?
- 5) A quantos anos você frequenta o santuário de Santa Cruz?
- 6) Você já recebeu algum milagre da Santa Cruz, se afirmativo, qual?
- 7) Quais os lugares sagrados que você costuma frequentar em Santa Cruz dos Milagres?
- 8) Você aprendeu a adorar a Santa Cruz com quem?
- 9) Você acha quem sem os milagres da santa esse lugar existiria?
- 10) Você frequenta bares, restaurantes, clubes ao sair da Igreja?
- 11) O que significa o cruzeiro para você?

## Apêndice C – Roteiro de Entrevista – Morador mais antigo



Universidade Estadual do Ceará- UECE  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Centro de Ciências e Tecnologia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROP GEO

Nome: \_\_\_\_\_

- 1) Como você veio morar aqui?
- 2) A quantos anos você mora aqui?
- 3) Como era este lugar antes de tornar-se cidade?
- 4) Você acha que sem a essência religiosa que a cidade tem ela existiria?
- 5) Quais as benfeitorias que a cidade tem ganhado após a divulgação do poder da Santa Cruz?
- 6) Esse Lugar é sagrado para você?
- 7) Você já recebeu algum milagre da Santa Cruz?

## Apêndice D – Roteiro de Entrevista – Padre



Universidade Estadual do Ceará- UECE  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Centro de Ciências e Tecnologia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROP GEO

Nome: \_\_\_\_\_

- 1) A quanto tempo o Sr. está nessa paróquia?
- 2) Na sua visão, como surgiu esta cidade?
- 3) Como se originaram os três momentos festivos que ocorrem na cidade?
- 4) O Sr. acha que sem a essência religiosa que a cidade tem ela existiria?
- 5) Quais as infraestruturas que a cidade têm ganhado após a divulgação do poder da Santa Cruz?
- 6) Esse lugar é sagrado?
- 7) Como o Sr. analisa as manifestações de fé dos romeiros e fiéis?
- 8) Como o Sr. vê as manifestações do profano na cidade?
- 9) O estado participa na organização da cidade?
- 10) O Sr. já tentou amenizar uma penitência de algum romeiro?

## APÊNDICE E



Universidade Estadual do Ceará- UECE  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Centro de Ciências e Tecnologia  
Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROPGEO

### **Roteiro de Entrevista – Representante do profano**

Nome: \_\_\_\_\_

- 1) Como você soube deste lugar?
- 2) A quantos anos você atua aqui?
- 3) Como era este lugar antes de tornar-se cidade?
- 4) Você acha que sem a essência religiosa que a cidade tem ela existiria?
- 5) Quais as benfeitorias que a cidade tem ganhado após a divulgação do poder da Santa Cruz?
- 6) Esse lugar é sagrado para você?
- 7) Você acha que as atividades consideradas profanas contribuíram para produzir esta cidade?
- 8) Como sua atividade é vista pela sociedade?